

**PATRÍCIA RIBEIRO BRASIL**

**SERÁ A AUTOBIOGRAFIA UMA POÉTICA DA MODERNIDADE?  
UMA LEITURA COMPARADA ENTRE AYAAN HIRSI ALI E GIOCONDA BELLI**

PORTO ALEGRE

JULHO

2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
ÁREA: ESTUDOS DE LITERATURA  
ESPECIALIDADE: MESTRADO  
LINHA DE PESQUISA: LITERATURA E INTERDISCIPLINARIDADE

**SERÁ A AUTOBIOGRAFIA UMA POÉTICA DA MODERNIDADE?  
UMA LEITURA COMPARADA ENTRE AYAAN HIRSI ALI E GIOCONDA BELLI**

**PATRÍCIA RIBEIRO BRASIL**

Orientadora: Profa. Dra. Gilda Neves da Silva Bittencourt

Dissertação de Mestrado em Literatura Comparada, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PORTO ALEGRE

JULHO

2011

### CIP - Catalogação na Publicação

Brasil, Patrícia Ribeiro

Será a autobiografia uma poética da modernidade?:  
Uma leitura comparada entre Ayaan Hirsi Ali e  
Gioconda Belli / Patrícia Ribeiro Brasil. -- 2011.  
97 f.

Orientadora: Gilda Neves da Silva Bittencourt.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de  
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2011.

1. Autobiografia. 2. Identidade. 3. Modernidade.  
4. Ayaan Hirsi Ali. 5. Gioconda Belli. I.  
Bittencourt, Gilda Neves da Silva, orient. II.  
Título.

*Para Américo e Neisvi (in memoriam),*

*com todo o meu amor.*

## AGRADECIMENTOS

É praxe nos trabalhos acadêmicos um curto agradecimento, no entanto, diante de minha trajetória neste programa de pós-graduação, é necessário reconhecer o auxílio de todos que me ajudaram neste processo.

Ao concretizar um grande sonho, que é a conclusão do mestrado, não posso deixar de agradecer à minha orientadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Gilda das Neves Bittencourt, pelas palavras sábias e pelos ensinamentos, pelo carinho, pelo trato amoroso e pelo exemplo.

Agradecer à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que nas palavras da nossa ex-reitora Wrana Panizzi, “pública, gratuita e de qualidade”, foram estas as condições que me permitiram estudar.

Aos meus pais, Américo e Neisvi (*in memoriam*), que sempre estimularam a leitura, a curiosidade, à busca pelo saber por meio do exemplo.

Reconhecer e agradecer a minha amiga e irmã de alma Janaína Baladão, pela presença, pela orientação nos momentos difíceis, pelas risadas nos momentos de descanso, pela força, pela compreensão, pela amizade que extrapola os laços de uma única existência.

À minha família, meus irmãos, André e Luiz, minhas irmãs, Taís e Flávia, a minha tia Irene, pela compreensão, pelo apoio, pelo incentivo, pelo amor.

Preciso dar crédito ao meu amado amigo e colega Anselmo Peres Alós, pela leitura do projeto do mestrado e da dissertação, pelas dicas bibliográficas, pelas discussões via MSN, por seus comentários irreverentes e certeiros. Moçambique era logo ali, Foz do Iguaçu aqui ao lado. Não há distância quando se trata de amizade.

Faz-se necessário deixar registrado aqui o nome de algumas pessoas que foram fundamentais ao processo de escritura: Schana Lago, que me apresentou sugestões de bibliografia *desde Buenos Aires*. Fabiane Salerno da Silva, amiga e chefe, que, com seu apoio incondicional no percurso do mestrado, acenou-me com uma proposta de trabalho facilitadora de meus estudos. Ricardo Barberena e sua esposa Vanessa Castro Barberena, pelo incentivo, discussões, sugestões de leitura e conversas sobre o Inter para *despejar un rato*. Ao querido amigo André Rollo, pelos cruzamentos, nem sempre literários, que lhe são tão peculiares. Afinal, como o Rollo certa vez me disse, parodiando alguns filmes *blockbusters*: “a força e o caratê, e a capacidade de dissertar estão contigo”. Ao meu amigo Fernando Engllert, por me trazer a realidade e me focar no ato de dissertar.

Aos meus amigos e colegas das escolas São Pedro e Saint’Hilaire, no município de Porto Alegre, e da escola Capitão Gentil Machado de Godoy, em Alvorada, por possibilitarem a organização de um horário diferenciado para que pudesse assistir às aulas no mestrado.

Finalmente, mas não menos importante, agradecer a Deus, que me deu o mais belo de todos os presentes: a vida.

## RESUMO

Considerada um gênero menor, a literatura confessional foi, por muito tempo, excluída dos estudos acadêmicos. Porém, na última década o mercado editorial abriu-se sensivelmente para estas obras. Este trabalho procura analisar sob a luz da literatura comparada as autobiografias de Gioconda Belli, poetisa nicaraguense e da política holandesa-somali Ayaan Hirsi Ali, e encontrar na narrativa autobiográfica entrecruzamentos com a modernidade. As narrativas autobiográficas despontam com uma alternativa de situar o sujeito no mundo, um sujeito de certa forma descentrado e que pontua a experiência pessoal como uma alternativa de reconstrução de sua identidade e de reconstruir este mundo.

**Palavras-chave:** autobiografia; identidade; modernidade; Ayaan Hirsi Ali; Gioconda Belli.

## RESUMEN

Por mucho tiempo se consideró a la literatura confesional como un género menor y se la excluyó de los estudios académicos. Sin embargo, en la última década, ocurrió una gran apertura del mercado editorial a estas obras. Esta tesis de maestría busca analizar, bajo la luz de la literatura comparada, las autobiografías de Gioconda Belli, poetisa nicaragüense, y de la política holandesa-somalí Ayaan Hirsi Ali. Asimismo, intenta encontrar en la narrativa autobiográfica un entrecruzamiento con la modernidad. Las narrativas autobiográficas despuntan como una alternativa de situar el sujeto en el mundo, un sujeto sin centro y que puntúa la experiencia personal como una alternativa de reconstrucción de su identidad y reconstrucción del mundo.

**Palabras clave:** autobiografía; identidad; modernidad; Ayaan Hirsi Ali; Gioconda Belli.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>1 LITERATURA CONFSSIONAL: A QUESTÃO DO GÊNERO LITERÁRIO.....</b>	<b>15</b>
1.1 DIÁRIOS .....	18
1.2 MEMÓRIAS .....	20
1.3 LITERATURA DE TESTEMUNHO .....	25
1.4 AUTOBIOGRAFIA .....	30
<b>2 GIOCONDA BELLI E AYAAN HIRSI ALI: APROXIMAÇÕES .....</b>	<b>34</b>
2.1 GIOCONDA BELLI - A NICARÁGUA TATUADA .....	36
2.2 AYAAN HIRSI ALI - INFIEL AO ISLÃ E FIEL A SI MESMA.....	37
2.3 QUANDO A AMÉRICA E A ÁFRICA SE ENCONTRAM .....	39
2.4 A HISTÓRIA COMO CENÁRIO .....	41
2.5 AS TINTAS ESCURAS DA RELIGIÃO.....	45
2.6 O PRETO E O BRANCO DO TRAUMA.....	50
2.7 A COLORIDA IDENTIDADE FEMININA .....	58

<b>3 A MODERNIDADE COMO PANO DE FUNDO .....</b>	<b>66</b>
3.1 TUDO QUE É SÓLIDO SE DESMANCHA DO AR.....	68
3.2 A ERA DO VAZIO .....	70
3.3 MODERNIDADE LÍQUIDA.....	72
3.4 IDENTIDADE E AUTOBIOGRAFIA.....	74
3.5 SERÁ A AUTOBIOGRAFIA UMA POÉTICA DA MODERNIDADE? .....	80
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>85</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>91</b>

## INTRODUÇÃO

O que motiva alguém a escrever uma autobiografia? A necessidade de extravasamento do eu, de marcar a sua individualidade, de ressignificar a história oficial, de libertar-se de um trauma, etc. Inúmeras são as motivações que levam um indivíduo a escrever suas experiências. No entanto, questiona-se também o que motiva alguém a ler uma autobiografia? Inúmeras também são as razões, a curiosidade, a procura de uma consolação, admiração por um herói, por um artista, a identificação com as situações postas pelo autor, etc.

A autobiografia, que integra o que se chama de literatura confessional, foi por muito tempo considerada uma literatura menor produzida por loucos, nervosos e mulheres. Talvez por apresentar vestígios factuais, e não ficcionais, a autobiografia tenha adquirido o carácter de “não-literatura”. No entanto, há o entendimento de que a literatura confessional assim como a poesia, o teatro, entre outros expressam, ficcional ou factual, a experiência humana, e portanto, é literatura.

Decorrente talvez da dificuldade de compreender a literatura centrada no sujeito, no extravasamento do eu, configure-se a ausência de uma nomenclatura que defina este tipo de literatura. São colocadas no rol de literatura confessional, de literatura íntima ou de literatura intimista, todas as produções literárias como memórias, diários, testemunhos, autobiografias. Estas narrativas apresentam diferenciações, embora possuam traços tênues e que se entrecruzam.

Durante a graduação, na disciplina de Literatura Hispano Americana, ministrada pela professora Dr<sup>a</sup> Márcia Hoppe Navarro, uma das leituras obrigatórias foi o romance que muito me impressionou. *La Mujer Habitada*<sup>1</sup> de Gioconda Belli. Este romance de cunho autobiográfico relata a história de uma jovem, Lavínia, que se envolve com a guerrilha revolucionária de um país fictício chamado Faguas. Este país, latino-americano, vive sobre um processo ditatorial violento e a revolução é o caminho clandestino, para a sua libertação. Na medida em que a história avança, Lavínia, em momentos de reflexão, simbolicamente conversa com uma laranjeira nos fundos de sua casa que é habitada pelo espírito de uma índia guerreira do tempo da Conquista, chamada Itzá. Após beber um suco de laranja desta árvore, Itzá passa também a habitar em Lavínia e a luta pela liberdade do seu país, do seu povo passa a ser um ideal de vida.

Este livro é definido como de cunho autobiográfico devido às inúmeras semelhanças com a vida de Gioconda Belli. O nome da personagem principal é o mesmo nome de sua irmã mais nova: Lavínia. Faguas em suas descrições (*la naturaleza volcánica, sísmica, opulenta*. p.14) é semelhante à Nicarágua, país de origem da escritora. Assim como Lavínia, Belli se envolveu intensamente na guerrilha contra a ditadura militar, inclusive na luta armada, etc.

Porém, em 2000, Gioconda lança a sua autobiografia. *O país sob minha pele* é o relato de uma mulher latino-americana que busca de certa forma restaurar uma verdade histórica, contada não pelos órgãos oficiais de uma cultura hegemônica, mas sob o ponto de vista de alguém que lutou do outro lado da trincheira. Esta mulher que busca ser fiel aos seus princípios e desejos, fiel a sua condição de mulher e ao seu país, Nicarágua. Foram estas as condições que definiram a sua vida.

Inicialmente, este foi o mote para a pesquisa do mestrado: seria a autobiografia uma forma de recontar a história? E, para tanto, *O país sob minha pele*, seria de riqueza infindável já que a autora participou de um movimento cujo poder emanou do povo e que derrubou uma ditadura militar. O movimento guerrilheiro na América Latina foi potencialmente popular, porém na maioria dos países em que atuou não saiu vitorioso. Talvez se pudesse pensar no discurso autobiográfico cuja intencionalidade fosse o de restaurar a verdade. Esta autobiografia permitiria o cruzamento entre literatura e história.

---

<sup>1</sup> BELLI, Gioconda. *La Mujer Habitada*. Buenos Aires: Seix Barral, 2006.

*Infidel*, autobiografia de Ayaan Hirsi Ali<sup>2</sup>, com o relato *de uma mulher que desafiou o Islã*, possibilita-nos conhecer uma cultura hermética como a cultura fundamentalista do islamismo. E, em pleno século XXI nos revela, provocando assombro, costumes e regras, organizações sociais estruturadas nas desigualdades entre gênero, etnia e credo. *Infidel* não se apresenta com a pretensão de recontar a história, pelo contrário, a narrativa autobiográfica traz à cena uma realidade que choca: ela não reconta, ela conta.

Encontrou-se nas autobiografias dois propósitos diferentes, o de apresentar uma cultura que de tão fechada, torna-se desconhecida para muitos como na narrativa de *Infidel*. E a narrativa de Gioconda Belli com o propósito de recontar a história e justificar a sua vida, pois como ela diz: “meus mortos, minhas mortes, não foram em vão. [...] Nos Estados Unidos, como na Nicarágua, sou uma quixotesca que aprendeu, nas batalhas da vida, que se as vitórias podem ser uma ilusão, as derrotas também podem” (p. 376)<sup>3</sup>. Não obstante, observaram-se também inúmeras semelhanças entre estas duas narrativas. As autobiografias propostas para a pesquisa aproximam-se em diversos pontos, embora sejam experiências únicas e em contexto diferentes. Gioconda relata a sua vida de mulher, de latino-americana, de política revolucionária que foi e retrata uma sociedade organizada sobre princípios religiosos católicos que orientava as estruturas e as relações. Assim, também, *Infidel* relata a pobreza de um país africano, afundado em uma guerra civil de oposição a um governo ditatorial, e também organizado sob o fundamentalismo religioso islâmico.

Estes relatos de cunho confessional alcançaram sucesso editorial e despontaram entre os mais vendidos na última década. Com o interesse de um público leitor, de um mercado editorial, a literatura confessional despertou o interesse da academia com inúmeras pesquisas e reflexões, contrariando um pensamento canônico de que seria uma “literatura menor”. Com este sucesso editorial emerge também uma vasta bibliografia sobre o tema, que exige, nesta pesquisa, um recorte bibliográfico e teórico.

Foi certamente a identificação com as autoras e com as suas experiências que mobilizou a pesquisa, porém à medida que o estudo avançava percebeu-se que um novo campo de estudos sobre a autobiografia se formava. A autobiografia como narrativa centrada na subjetividade de um sujeito moderno e como forma de manifestação deste sujeito. A necessidade desta manifestação origina-se no individualismo exacerbado do mundo moderno,

---

<sup>2</sup> ALI, Ayaan Hirsi. *Infidel*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

<sup>3</sup> BELLI, Gioconda. *O país sob minha pele*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

na solidão e na ausência de fixidez de alguns conceitos, de princípios e de algumas instituições.

Nas últimas décadas a autobiografia associada ao contexto em que foi produzida possibilita uma ampla visão histórico-político-social-cultural e a Literatura Comparada contribui com os estudos interdisciplinares e multiculturais, como possibilidade de retratar e de compreender o mundo.

Portanto, pretende-se com esta dissertação percorrer primeiramente o terreno da escrita autobiográfica, com um estudo teórico sobre as fronteiras do gênero confessional. Em seguida, sob a luz da Literatura Comparada, analisam-se as narrativas de Ayaan e de Gioconda em quatro pontos: a organização de seus países – Somália e Nicarágua – envolvidos em regimes ditatoriais, a organização social de suas sociedades sob a influência religiosa, seus traumas – ablação da genitália e o terremoto da Nicarágua em 1973 – e finalmente, a escrita feminina.

O objetivo principal desta pesquisa foi o de buscar compreender os fatores que levaram a autobiografia a destaque na contemporaneidade, com a aceitação de um público leitor e de um mercado editorial. Uma literatura que durante muito tempo foi vista como menor. No projeto inicial da dissertação questionava-se se estaria acontecendo com a literatura confessional o mesmo que aconteceu com a literatura latino-americana no século passado: um *boom*. Ángel Rama<sup>4</sup>, em seu ensaio *O boom em perspectiva*, apresenta-nos uma versão do escritor Júlio Cortázar sobre este acontecimento literário: “o que é o boom senão a mais extraordinária tomada de consciência por parte do povo latino-americano de uma face de sua própria identidade?”.

A ampliação dos estudos literários, sociológicos e antropológicos nos gêneros confessionais impulsionou a crítica, permitindo assim “parafrapear” o fenômeno que ocorreu na literatura latino-americana nas décadas de 50 e 60 com a massiva produção de gêneros confessionais nas duas últimas décadas no mundo. Além, claro, de mostrar a qualidade de vanguarda dentro do movimento estético e literário.

No entanto, ao tentar mapear o contexto histórico e social da modernidade produziu-se uma nova pergunta: Será a autobiografia uma poética da modernidade? Já que este fenômeno

---

RAMA, Ángel. *O boom em perspectiva*. Disponível em <<http://www.cdrom.ufrgs.br/rama/index.htm>>. Acesso em: 01 abr. 2010.

não acontece apenas na América Latina, ele é mundial. Passa-se a compreender a autobiografia em um contexto mais amplo e abrangente.

Pela complexidade da pergunta, e pela amplitude do tema, organizou-se esta dissertação em três capítulos que discutirão de forma crescente o gênero literário confessional, as autobiografias propostas e a modernidade.

No primeiro capítulo, deseja-se apresentar o gênero confessional, seu histórico, suas características, suas fronteiras. Analisar quais são seus fundamentos e quais são as condições que classificariam as narrativas propostas para estudo como autobiografias. Sendo um capítulo teórico pretendem-se apresentar as semelhanças e diferenças entre diários, memórias, testemunhos e autobiografias.

O segundo capítulo está organizado na apresentação das narrativas autobiográficas de Ayaan Hirsi Ali e de Gioconda Belli e para tanto se fez necessário apresentar uma pequena biografia das autoras, visto que isto faria parte de também contar a história dos livros em estudo. A seguir, de modo a delimitar a investigação, realiza-se um recorte de análise em quatro pontos, que servirão de subsídio para discussão posterior. As autobiografias são analisadas na perspectiva comparada na questão histórica, na questão religiosa, na questão do trauma e na questão da escrita feminina.

O terceiro e último capítulo, tenta analisar a modernidade sob a luz de três autores que de alguma forma contribuem para o entendimento do conceito de modernidade. Expor-se-á brevemente o pensamento marxista do estadunidense Marshall Berman que nos contribuirá com a perspectiva de modernidade que se “reinventa” e que não tem fim. Após será analisada a perspectiva do filósofo francês Gilles Lipovetsky que afirma que vivemos em uma era denominada vazio com a ausência de valores, conceitos, princípios e que aponta que a modernidade é responsável pela escrita feminina e, finalmente, a perspectiva de modernidade líquida de Zygmunt Bauman, que na fluidez do tempo e na solidão das pessoas busca-se espaço para fixar a nossa identidade, e segundo o pensador polonês, é na escrita que isto se efetiva.

Ainda no terceiro capítulo, para discutir a questão da identidade na modernidade, Stuart Hall poderá aclarar questões referentes ao sujeito, em sua condição de descentramento e deslocamento. A identidade do sujeito moderno está relacionada à cultura e não à biologia do indivíduo. São os fatores culturais que orientam as múltiplas “identidades”. Pois, conforme

Hall, somos constituídos de identidades híbridas, mesclas plurazilantes de identidades que produzem uma variedade de possibilidades e de novas posições.

E, finalmente, discutir: será a autobiografia uma poética da modernidade? Quais os fatores que nos possibilitam responder esta pergunta afirmativamente? E quais os fatores que impedem?

Procura-se estruturar a dissertação através do método ensaístico, por compreender que este seja a melhor forma de trazer à baila discussões teóricas tão pertinentes, visto que possibilitam uma maior e melhor compreensão de nossa atualidade. Como uma pesquisa que procura estudar a modernidade, não há nesta dissertação o intuito de encerrar a discussão, mas possivelmente contribuir com novos elementos para pensar o sujeito do século XXI.



## 1 LITERATURA CONFSSIONAL: A QUESTÃO DO GÊNERO LITERÁRIO

É ampla e muito antiga a discussão da definição de literatura. Na *Poética*, Aristóteles questionava a existência de um termo que pudesse definir com consonância um texto socrático e um texto em prosa e verso. O objeto de estudo da literatura, durante muito tempo, foi considerado o texto carregado de uma linguagem trabalhada. No entanto, esta definição torna-se inconsistente quando este objeto apresenta múltiplas variáveis, como a linguagem. Outra grande discussão nos estudos literários além da linguagem é o conteúdo da literatura. Todo texto de conteúdo ficcional é um texto literário. Porém observamos que a discussão não se encerra nesta definição já que estudos mais recentes sobre os gêneros confessionais vêm apontando a literatura de testemunho, de *testimonio*, a biografia, diários, memórias e a autobiografia, também como integrantes da literatura.

Os gêneros confessionais, em sua maioria, sempre foram excluídos do Cânone Literário por serem considerados “baixa literatura”<sup>5</sup>. Por não possuírem o valor artístico atribuído a ficção, a eles foi destinado um lugar menor dentro dos estudos literários. Embora a existência de memórias, diários, biografias, autobiografias existam desde a Antiguidade é somente no século XX, a partir da II Guerra Mundial, com os relatos do Shoah<sup>6</sup> que eles adquiriram certo destaque.

Na última década, o mercado editorial abriu-se sensivelmente para estas obras: *Infiel*, de Ayaan Hirsi Ali; *Inabalável: memórias*, de Wangari Maathai; *Meu nome é Salma*, de Fadia Faqir; *Minha vida como traidora*, de Zarah Ghahramani; *Prisioneira em Teerã*, de Marina Nemat, entre outros títulos, estiveram na lista dos mais vendidos. O interesse do leitor em obras de cunho autobiográfico, memorialístico, testemunhal ou “retrospectivo-histórico” também fomentaram este mercado editorial.

A necessidade de registrar-se no mundo em busca de sua identidade é o impulso que leva o homem a escrever suas vivências. Na Idade Média, onde não havia a separação do *eu* da divindade religiosa, surgem obras de caráter confessional como *Confissões*, de Santo Agostinho (século IV). *Confissões* apresenta-se como uma tentativa didática agostiniana de

---

<sup>5</sup> PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas literaturas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

<sup>6</sup> Palavra de origem hebraica cujo significado é catástrofe. Termo utilizado por teóricos para referir-se ao holocausto que vitimizou milhares de pessoas de origem judaica.

representar uma vida exemplar e tinha como objetivo promover o autoconhecimento como uma forma de alcançar Deus.

Porém, com a ascensão da burguesia e a constituição da individualidade pode-se, então, falar do *eu*. O romantismo surge na literatura como marco fundamental na expressão do *eu* e da emoção. Posteriormente, no Renascimento, um novo conceito de *eu* formulara-se levando a um reconhecimento das idiossincrasias individuais. O indivíduo adquire privacidade, estudo, legislação, meios de expressão. As formas de representar a subjetividade ganham espaço e destaque. O indivíduo toma consciência de sua singularidade e de sua existência histórica e a literatura oportuniza a inserção da primeira pessoa como presença singular no mundo.

Montaigne, no Século XVI, publica os seus *Ensaaios* como embrião renascentista da escrita em primeira pessoa. Iniciam-se com estes escritos os primórdios da psicologia moderna, conforme Hauser.<sup>7</sup> É importante destacar que o objetivo de Montaigne com seus ensaios de cunho autobiográfico era o de retratar o homem entre os homens, de pontuar sua individualidade. No entanto, é Rousseau com *Confissões* em 1770 que inaugura o gênero autobiográfico na era moderna com a escrita em primeira pessoa dirigida a um destinatário, realizando revelações íntimas, situações marcantes de uma vida como tentativa de libertação da subjetividade das opressões sociais.

Conforme Julieta Roitman<sup>8</sup>:

A grande inovação de *Confissões* é a sua tentativa de oferecer ao leitor um eu transparente através do qual fosse possível enxergar conflitos internos e as verdadeiras motivações de seu protagonista. Rousseau, por um lado, não tentava esconder seus segredos mais vis, mas por outro lado deixava claro que sua intenção de sinceridade absoluta é inatingível. Rousseau é marcado também por um individualismo que hostiliza o mundo em que vive, repleto de hipocrisias, mas ao mesmo tempo se mostra como um homem comum, que erra e sofre como todos os demais. (p. 23)

Rousseau marca um novo lugar para o autor, que livre de quaisquer máscaras sociais, é definido pela inter-relação entre sujeito e o mundo.

---

<sup>7</sup> HAUSER, Arnold. *História Social da Arte e da Literatura*. São Paulo: Martins Fontes: 2003.

<sup>8</sup> ROITMAN, Julieta. *Miragens de si: ensaios autobiográficos no cinema*. 2007. 141p. Dissertação (Mestrado), Faculdade de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

Na modernidade, conforme Calligaris<sup>9</sup> é imperiosa a necessidade cultural de falar de si e de reconstruir o mundo, de povoar este mundo com significações novas geradas por si mesmo e a autobiografia é o exercício desta subjetividade moderna. Segundo o autor “vivemos em uma cultura onde a marca da subjetividade de quem fala ou escreve constitui um argumento e uma autoridade tão fortes quanto, se não mais fortes que, o apelo à tradição, ou a prova dos ‘fatos’” (p. 44).

O século XX com seus conflitos, guerras, reorganizações territoriais, migrações populacionais, estudos científicos, psicanalíticos, sociológicos e antropológicos, bem como a sensação de que o tempo passa rápido demais, estimula a busca e o registro da individualidade. E o leitor ávido pela busca da verdade e de restaurá-la, de recontar a história sob a ótica pessoal viabiliza a produção de textos confessionais. Podemos exemplificar com o *Diário de Anne Frank*, relato verídico em primeira pessoa da jovem judia e de sua família perseguida por Hitler. Seu sucesso editorial, que vendeu mundialmente mais de 30 milhões de exemplares e que no ano de 2009 celebrou os 80 anos de nascimento da menina judia com comemorações em todo o mundo, deve-se tanto aos acontecimentos históricos que retrata, quanto ao seu estilo narrativo.

Estas transformações ocorridas durante o século XX possibilitaram a discussão sobre a narrativa, ideais estéticos, a revisão de conceitos literários e sua ampliação. Os estudos culturais contribuíram significativamente com a expansão das fronteiras do literário. Ao ampliar as fronteiras do literário e incluir o espaço para o diálogo com a história propõe-se o surgimento de outro discurso na literatura, baseado no real, no verídico. A literatura passa a fazer o caminho inverso, ou seja, ao invés de tornar real a ficção, através da verossimilhança, ficcionaliza o real e põe em xeque o discurso histórico.

Muitos teóricos buscaram encontrar este limite entre textos factuais e ficcionais, apresentando traços verificáveis do real e distinguindo-os do imaginário. No entanto é consensual entre eles, que um texto não exclui o outro, e que ambos retratam a experiência humana no mundo. Há inúmeras narrativas que ao aventurar-se na linguagem usam a forma confessional propositalmente, e que, no entanto, são puramente ficcionais. *Memorial de Aires*, de Machado de Assis, é um exemplo de um texto ficcional que se utiliza da forma confessional, como alternativa de validar o discurso.

---

<sup>9</sup> CALLIGARIS, Contardo. Verdade de Autobiografias e Diários íntimos. *Revista Estudos Históricos*, v. 11, n. 21, p. 43-58, 1998.

Nora Catelli<sup>10</sup> cita a revista alemã *Athenäum*, de 1799, que realizou, através dos irmãos Schlegel, uma curiosa classificação dos escritos autobiográficos da época. Estes irmãos dividiam a autobiografia em dois grupos: O primeiro era produzido por prisioneiros do “eu”, pessoas com comprometimentos psiquiátricos (nervosos, neuróticos, obsessivos e mulheres). O segundo grupo era representado pelos mentirosos. Neste momento, a literatura confessional apartada do ideal estético kantiano, já era classificada entre verídico e o inventado. Impossibilitada de fugir desta infeliz classificação, diários, memórias, autobiografias estavam configuradas no sistema das narrativas que contêm uma proposição de verdade e das que tramam a mentira.

Antes de tudo, literatura confessional é literatura, os estudos fundadores e os esforços de Lejeune<sup>11</sup> em colocá-la dentro de um esquema estrutural são louváveis, para compreender seu funcionamento bem como legitimar o gênero. No entanto, a escrita confessional, como o teórico francês atestou, suscita diferentes formas de apresentar o *eu*. Mesmo que todos pertençam ao gênero autobiográfico, diários, memórias, confissões, autobiografias e testemunhos apresentam singularidades, muitas vezes, sutis, no extravasamento do *eu*.

Estas singularidades podem ser reiteradas nestas distintas formas literárias tão próximas, todavia, elas são permeadas de desvios, intencionais ou não, que buscam retratar a condição humana e o sentido da vida. Elas correspondem à necessidade humana de inscrever-se na vida, que desencantada com a religião e a ciência (processo que a humanidade vivenciou na transição do século XVIII para o século XIX) encontra na subjetividade um caminho para a sua salvação.

## 1.1 DIÁRIOS

Os diários adquiriram papel importante dentro da literatura quando a ideia de privacidade toma corpo. É por volta de 1800 que data a origem do diário íntimo, quando na Europa, pouco antes do romantismo, da eclosão do sentimentalismo surgem inúmeras obras de caráter autobiográfico e confessional.

---

<sup>10</sup> CATELLI, Nora. *El espacio autobiográfico*. Barcelona: Lumen, 1991.

<sup>11</sup> LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

Anteriores a esta data, apenas por curiosidade, teremos segundo a classificação de Fothergill<sup>12</sup>, os diários públicos (tradição antiga de escrita coletiva e que antecede a existência do que hoje conhecemos como jornal) e os diários de viagem (como o próprio nome diz, são relatos geográficos, de flora e fauna, de possibilidade de rotas com um objetivo mais informativo do que retratar impressões pessoais). O pesquisador inglês ainda pontua em sua classificação os diários de memória pessoal (usados como cadernos de anotações como ensinamentos, receitas, pagamentos, etc. Os cadernos de anotações de Leonardo Da Vinci são um exemplo) e os diários de consciência ou espiritual (relatos religiosos que buscavam encontrar-se com Deus, e o que hoje conhecemos como diários íntimos).

Embora tenhamos a classificação de Fothergill, seus estudos foram importantes pelo seu caráter pioneiro no estudo crítico do desenvolvimento da tradição do diarismo. Porém, na contemporaneidade, com as novas concepções de sujeito e de discurso, o que mais importa é a verdade que se encontra no/do sujeito, e não a verdade que se encontra nos acontecimentos.

Segundo Calligaris<sup>13</sup> em uma perspectiva antropológica, a característica da modernidade ocidental é que sua organização parta do sujeito para o mundo e “não do mundo a organização do sujeito”. Frente a esta premissa é possível então compreender o porquê que os diários íntimos encontram foro privilegiado em nossa cultura.

Os diários íntimos eram por definição para não serem lidos, para ficarem escondidos, servindo, por vezes, como mecanismo auxiliar de reflexão interior ou de purificação ou aperfeiçoamento da moral. Mas, o advento da modernidade, que coloca em plano central o sujeito, o que era privado, particular se torna público e coletivo.

Há duas características pontuais nos diários íntimos: a localização temporal e a sua condição de veracidade ou sinceridade. Temporalidade da escrita diarística é um marco identitário, e embora os relatos possam não aparecer datados, a presença do calendário, da passagem do tempo presente, permeia todo o relato.

Os diários são definidos por sua escrita retrospectiva, porém em um curto espaço de tempo entre o ocorrido e o narrado. Este *eu* narrador anota com determinada periodicidade um

---

<sup>12</sup> FOTHERGILL, Robert. *Private Chronicles: A Study of English Diaries*. London: Oxford University Press, 1974.

<sup>13</sup> CALLIGARIS, op. cit., 1998.

conteúdo muito variado, por escolhas próprias, que o singulariza e o revela, com a proximidade dos fatos (verídicos ou não).

Os diários íntimos também são caracterizados por formas distintas de trabalhar o tempo. Os diários retratam o cotidiano, anotando fatos, acontecimentos, pensamentos do dia a dia. A tentativa de racionalização da experiência do cotidiano é a base do gênero. O diário íntimo permite a possibilidade de conter a passagem do tempo. Neste tipo de diário o tempo é o presente. Muitos são datados e por relatarem fatos do cotidiano, não apresentam a perspectiva do futuro, ou de um planejamento diário.

Com o pressuposto de que o que íntimo e secreto não pode ser revelado se instaura o pacto de sinceridade e de veracidade. O escritor de um diário seria supostamente também o seu interlocutor, ele escreve de si para si. Conforme Andreia Moroni<sup>14</sup> “o diarista pode descrever seus sonhos, seus anseios, ser irônico, compor um poema sem deixar de ser sincero para consigo mesmo, isto é, sem deixar de revelar seu pensar e seu sentir tão genuinamente quanto lhe aprouver – ainda que por vezes isso implique em querer dissimular.”

Não há meios de garantir que o que se lê é realmente factual. O próprio *Diário de Anne Frank* recebeu três edições diferentes, sendo que a última aumentou em cerca de 25% o livro. Os diários íntimos são uma versão singular, permeada de subjetividade, dos fatos transcritos. Estes fatos, retratos únicos do cotidiano, podem não ser verificáveis e é através de um pacto com o leitor que o aceita como verdade.

Esta “falha” na veracidade não invalida a sinceridade do diário, pois a constituição do diário, bem como de todo o gênero confessional, está no pacto feito com o leitor, que Lejeune chamará de pacto autobiográfico.

## 1.2 MEMÓRIAS

Inicialmente é importante fazer a distinção entre memória, no singular e memórias no plural. Memória refere-se à capacidade humana de armazenar dados e memórias, a uma

---

<sup>14</sup> MORONI, Andreia. *A edição de diários íntimos e o caso de Anne Frank*. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0936-1.pdf>>. Acesso em: 13 de jun. de 2010.

distinta forma literária, geralmente integrante dos gêneros confessionais, que consiste em relatar fatos passados factuais ou ficcionais. Ao contrário dos diários, as memórias não seguem prioritariamente um guia cronológico. Nos diários o tempo usado é o presente e nas memórias, é o passado.

As memórias, por se basearem na capacidade humana de guardar informações, podem muitas vezes ser falhas, e isto possibilita a reinvenção dos acontecimentos, tornando-as assim mais puramente literária do que as outras formas de literatura confessional. Helder Macedo<sup>15</sup> em seu texto *As telas da memória*, pontua a possibilidade de “retoque”. Pois conforme uma perspectiva autoral implica em uma seleção de fatos, que retocados por um filtro pessoal, consciente ou não, adquirem outro significado.

Mesmo que as memórias possuam esta característica mais literária do gênero confessional, ela carrega também um traço mais histórico. É comum a história usar as memórias como suporte historiográfico, pois conforme Paul Ricoeur<sup>16</sup>, ambas possuem um ideal de veracidade. No entanto, para o filósofo francês o lembrar-se é uma experiência de (re)significação, (re)conhecimento, (re)criação das coisas e de si, o que leva a memória para além da história.

Ao evocarmos uma lembrança, a memória se remete a um tempo único e particular impregnado de elementos singulares como cheiros, sons, etc. E conforme Maurice Halbwachs<sup>17</sup> a memória é construída pela soma de nossas experiências em relação à percepção de tempo. Ao acessarmos nossas lembranças, revivemos e recriamos este tempo, atribuindo a elas outro significado. Isso nos leva a concluir que a construção da memória é dissociada de uma forma materializada, na medida em que se constitui em um processo subjetivo, passível de interpretações individuais.

Juntamente com esta memória individual há a memória coletiva<sup>18</sup>, o homem ao lembrar seu passado, evoca também as lembranças dos outros, e, por isto, a memória individual não é isolada, ela é permeada pelas lembranças da coletividade, por referências que estão na sociedade. As memórias de cunho individual e/ou confessional se apoiam na

---

<sup>15</sup> MACEDO, Helder. As telas da memória. In, CARVALHAL, Tania Franco; TUTIKIAN, Jane (Orgs.) *Literatura e história: três vozes da expressão portuguesa*. Porto Alegre: Editora da Universidade da UFRGS, 1999. p. 37-45.

<sup>16</sup> RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Unicamp, s/d.

<sup>17</sup> HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

<sup>18</sup> O que Maurice Halbwachs definirá como memória coletiva, Jaques Le Goff definirá como história ideológica.

memória coletiva. E como definiu o sociólogo Halbwachs a história de vida de uma pessoa integra a história geral.

Le Goff<sup>19</sup>, em seu livro *História e Memória*, define memória como:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou o que ele representa como passadas (2005, p. 421).

Embora seu estudo se concentre na memória como objeto da história e da antropologia, o historiador não desconsidera os seus matizes nos campos da psicologia, da psicofisiologia, da biologia, e da linguagem. A memória, antes do advento da escrita, era cultivada pela oralidade, através de homens-memórias. Indivíduos responsáveis por guardar as informações de uma determinada sociedade. Estes homens-memórias, considerados narradores, eram homens responsáveis por manter a união de grupos sociais aos quais pertenciam, de cultivar as tradições, de enumerar genealogias, de manter vivo os mitos de origem.

No livro *Infidel*, Ayaan Hirsi Ali relata que enumerar a genealogia de sua tribo é algo construído já nas crianças, é também uma forma de sobrevivência em um ambiente hostil onde ainda imperam as disputas tribais africanas. Saber que há entre alguém algum laço parental, mesmo que distante, pode muitas vezes salvar a vida de um indivíduo. E no caso da escritora somali, efetiva-se nas fugas para Etiópia e Arábia Saudita. É por isto que, ao iniciar sua autobiografia, apresenta-se enumerando a genealogia de sua tribo.

Com o advento da escrita, o conceito de memória muda, e ganha outros contornos. A escrita acaba de certa forma com a memória criadora, tornando-a repetitiva. Ela passa a ser na Idade Antiga e Medieval a memorização de palavras e de conhecimentos. No campo literário, Jorge Luis Borges com seu conto *Funes, el memorioso*<sup>20</sup> exemplifica este tipo de memória mecânica e repetitiva.

---

<sup>19</sup> LE GOFF, Jaques. *História e Memória*. 5. ed. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 2003.

<sup>20</sup> BORGES, Jorge Luis. Funes, El memorioso. In: *Ficciones*. Madri: Alianza, 1972.



E mesmo que a escrita possa em um primeiro momento ter tolhido o processo criativo da memória oral, ela possibilitou à memória coletiva uma profunda transformação. E inaugurou, conforme Le Goff, dois grandes avanços: o da comemoração e o do documento escrito.

A comemoração refere-se à celebração através de um monumento ou ato comemorativo favorecendo o surgimento da memória como inscrição. O historiador francês apresenta diversos exemplos sobre monumentos comemorativos como as estelas e os obeliscos. Por sua vez, o documento escrito, independente dos inúmeros processos que passou, (folhas de árvore, ossos de animais, estofos, pergaminho, papiro, papel, etc.) não perdeu seu caráter de monumento. O documento escrito possibilitou além do armazenamento de informações, a comunicação além do tempo e do espaço, e acrescentou a memória coletiva o exercício de revisar, reexaminar, de reordenar.

Outro aspecto interessante apontado por Le Goff é a questão referente ao esquecimento. Para os gregos antigos a memória era fonte de imortalidade. A memória, ao evocar lembranças, manteriam vivos grandes feitos. E o esquecimento conseguiria suplantar aquilo que não deveria ser lembrado. Apresenta-se, então, uma relação de poder, visto que ter o domínio, ou a “escolha” sobre o que lembrar, pode promover a servidão ou a libertação de um povo.

No entanto, a mente humana, não apresenta a seleção ordenada ou cartesiana das lembranças. Muitas vezes para poder esquecer, faz-se necessário lembrar. Marcio Seligmann-Silva<sup>21</sup>, em seu livro *História, memória e literatura*, que trata dos relatos testemunhais da Shoah, pontua de maneira coerente a relação entre memória e esquecimento: “um processo dialético e complexo no qual recordar e esquecer são dois fatores dinâmicos e inseparáveis [...] em certa medida recorda para se esquecer e porque não consegue esquecer-se precisa narrar”(p. 15). Porque nós não lembramos apenas aquilo que queremos, como também não lembramos como os fatos verdadeiramente aconteceram.

Primo Levi, autor italiano sobrevivente do campo de concentração nazista Auschwitz, escreveu dois livros memorialísticos sobre sua experiência com o holocausto chamados *É isto um homem?* e *A Trégua*. E, nestes livros, o escritor italiano expressa a sua necessidade de

---

<sup>21</sup> SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.) *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

falar, de relatar o que vivenciou para que possa resgatar a memória daqueles que foram silenciados.

Esta necessidade de falar implica também na necessidade de escuta, de compreensão do que foi vivido e do que necessita ser “esquecido”. Pollack<sup>22</sup> coloca no mesmo patamar a questão dos silêncios e dos não ditos não como esquecimentos definitivos, mas como ausentes de uma escuta:

Por conseguinte, existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncios, "não-ditos". As fronteiras desses silêncios e "não-ditos" com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento. Essa tipologia de discursos, de silêncios, e também de alusões e metáforas, é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos.

O que se refere às memórias de Primo Levi, é o paradoxal privilégio<sup>23</sup> de ter sobrevivido ao campo de concentração polonês. Ainda hoje há pessoas que duvidam da existência deste fato histórico e das suas atrocidades. Não existe, em alguns, o espaço para esta escuta.

Conforme Seligmann-Silva<sup>24</sup>, citando Levi, esta impossibilidade de acreditar nas suas memórias que são narradas estão também relacionadas ao tempo passado e ao tempo presente. Geralmente a memória é compreendida como um fato ocorrido no passado e findo. No entanto, o verdadeiro tempo da memória é o presente, pois é um passado que não passa.

Beatriz Sarlo<sup>25</sup> nos dirá que o passado se faz no presente e que é o único tempo apropriado para a lembrança, pois é o tempo em que a lembrança se apodera, tornando-o próprio (SARLO, 2007, p. 10). Acrescentará ainda que a modernidade, com a aceleração do tempo, buscará alguma solidez em um ambiente líquido na evocação das memórias. “A

---

<sup>22</sup> POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

<sup>23</sup> SELIGMANN-SILVA, Marcio. Narrar o trauma. *Revista Gragoatá*, Niterói, n. 24, 1º semestre de 2008. p. 101-18. Disponível em: <<http://www.uff.br/revistagragoata/revistas/gragoata24web.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2010.

<sup>24</sup> Idem.

<sup>25</sup> SARLO, Beatriz. *Tempo passado*. Cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

aceleração produz, exatamente, um vazio de passado que as operações de memória tentam compensar”<sup>26</sup> (SARLO, 2005, p. 96).

José Saramago, escritor português que entre os anos de 1993 e 1997, também se aventurou na escrita memorialística com o diário intitulado *Cadernos de Lanzarote*<sup>27</sup> e *As pequenas memórias*<sup>28</sup>, disse em entrevista ao programa televisivo Roda Viva<sup>29</sup> que todas as memórias são falsas, pois elas são fragmentos de outras memórias, que funcionam como um caleidoscópio, os pedacinhos são os mesmos, mas mudam em cada momento que são evocadas. Somando-se a isto temos a afirmação de Nélide Piñon<sup>30</sup> de que a memória é autônoma frente à vontade humana, e que ela “interpreta o que se viveu ou o que se pensa ter recordado”. E é neste ponto que entra o aspecto ficcional das memórias.

A lembrança de fatos passados é polêmica (o esquecimento, e a retenção são acidentais), ela está ali e permanece em compartimentos fragmentados, escaninhos secretos, cuidadosamente selecionados pelo critério da mente. O fato real transforma-se em outra coisa quando escrito ou verbalizado. No momento da criação literária o fundamental não é a transcrição do real, mas é utilizar o melhor da linguagem para registrar estes fragmentos de memória ouvida, sentida, vivida e transformá-la em expressão literária.

### 1.3 LITERATURA DE TESTEMUNHO

As primeiras crônicas da Conquista comprovam que serviram de paradigma narrativo para muitos testemunhos feitos posteriormente. A história dita “oficial” sempre foi contada por aqueles que faziam parte da ideologia dominante, então, tratando-se de América Latina sabemos que sua história foi contada por aqueles que pertenciam aos grandes centros hegemônicos e, mais especificamente pelo colonizador europeu. Ao longo do período colonial os colonizadores, na sua posição de “vencedores”, contavam uma história que eles mesmos

<sup>26</sup> SARLO, Beatriz. *Tempo presente: notas sobre a mudança de uma cultura*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

<sup>27</sup> SARAMAGO, José. *Cadernos de Lanzarote*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, 1999. v. 1 e 2.

<sup>28</sup> SARAMAGO, José. *As pequenas memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

<sup>29</sup> Entrevista ao programa Roda Viva, exibido pela TV Cultura em 17 de novembro de 1997. Disponível em <http://www.tvcultura.com.br/rodaviva/programa/PGM0584> acessado em 25 de dezembro de 2010.

<sup>30</sup> REPORTAGEM LOCAL. Interpretações da memória. Reportagem da Folha de São Paulo em 08 de agosto de 1999. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs08089919.htm>>. Acesso em: 25 dez. 2010.

eram os sujeitos principais e desconsiderando a riqueza cultural que tinham os indígenas. Portanto, os indígenas, grupo considerado subalterno, ainda que integrassem todo aquele universo cultural, eram silenciados até porque, pelos europeus, não eram considerados seres humanos e, desta forma, não podiam dar a sua versão histórica dos fatos.

Conforme Achugar<sup>31</sup>, somente a partir do século XIX, junto com a formação dos estados nacionais, é que a história oficial da América Latina vai se consolidar e, por esse motivo, a história não oficial ganhará força e se fará presente como uma resposta aos séculos de silenciamento impostos pelos centros metropolitanos. Além disso, o autor afirma que acontecimentos como a revolução francesa, a guerra civil espanhola, a revolução cubana, os movimentos em prol da independência africana e o Movimento pelos Direitos Civis realizados pelos negros norte-americanos, viabilizaram uma abertura no Ocidente e, “particularmente na nossa América do discurso dos despossuídos ou marginalizados” (p.53). Especificamente sobre Cuba: a revolução em Cuba também viabilizou a abertura na América Latina de novas práticas culturais e políticas que, cujos sujeitos, até então, se sentiam insatisfeitos modelos que só privilegiavam as classes dominantes, mas que, naquele momento, focavam-se nos sujeitos subalternos.<sup>32</sup>

Com isso, os discursos históricos provenientes dessas inúmeras vozes silenciadas virão à tona para contar outra versão da história, em contradição àquela que era contada pelo sujeito integrante da classe dominante. A partir da segunda metade do século XX, minorias sexuais, ideológicas e raciais afetarão a dinâmica social latino-americana de uma maneira geral.

A terminologia para definir a literatura de testemunho é ampla. A escritura testemunhal, por ser ambígua e complexa, apresenta dificuldades de definição. São muitos os termos para defini-la devido à elasticidade de seu conceito. Os termos que mais são utilizados são: testemunho, *testimonio*, *relato de testimonio*, literatura de testemunho, narrativa de não-ficção, escritura de testemunho, relato oral de testemunho, testemunho oral, discurso de testemunho, literatura de resistência, literatura de trauma, testemunho da Shoah, etc.

Há muita literatura sobre este gênero sem chegar a um consenso. Os esforços realizados, embora de suma importância, são insatisfatórios. Faz-se necessário um debate

---

<sup>31</sup> ACHUGAR, Hugo. Historias paralelas/historias ejemplares: La historia y la voz del otro. In: BEVERLEY, John; ACHUGAR, Hugo (Orgs.) *La voz del otro: Testimonio, subalternidad y verdad narrativa*. Lima-Pittsburg: Latinoamericana Editores, 1992. p. 49-71.

<sup>32</sup> REIS, Livia de Freitas. O testemunho como construção da memória. In: \_\_\_\_\_. TROUCHE, André (Orgs.) *Hispanismo 2000*. Brasília: Associação Brasileira de Hispanistas, 2000, v. 2, p. 842-9.

mais amplo sobre os fundamentos teóricos do testemunho. Os processos referentes à produção de literatura com teor testemunhal foram diferentes, tanto na América hispano-americana, quanto na Europa e no restante do mundo em textos posteriores a Shoah.

Conforme Ginzburg<sup>33</sup>:

Encontramos a acepção literatura de testemunho em estudos dedicados a Primo Levi, referentes à Segunda Guerra Mundial. O termo foi apropriado pelos estudos latino-americanos, com referência a autores como Rigoberta Menchú, e recentemente, a expressão carcerária, em Luiz Alberto Mendes e André du Rap. Falamos em testemunho também para referir à escrita de resistência à colonização na África como no caso de Pepetela.

Na América hispano-americana a terminologia usualmente empregada é *testimonio*. O *testimonio* surgiu entre as décadas de 60 e 70 do século passado, como uma forma de dar testemunho ao trágico período de ditaduras<sup>34</sup> (militares ou não) que a América Latina sofreu. A tentativa de recuperar uma liberdade de fala reprimida pela violência que os governos militares impuseram a população encontra espaço e voz na literatura.

O *testimonio* tem o objetivo de denunciar e transformar um passado-presente de marginalidade e exploração para que este não se repita e utiliza o testemunho de uma experiência pessoal do sujeito marginalizado ou subalterno<sup>35</sup> em uma história coletiva de resistência ou de projeção ideológica.

Segundo Gustavo Garcia<sup>36</sup>, inicialmente, estes relatos testemunhais não tinham a pretensão única da produção literária, sendo que o mais pontual era o de dar voz aos excluídos e de reordenar as relações sociais, estabilizadas por uma ideologia hegemônica. Independente de seu caráter historiográfico o testemunho traz à tona a discussão sobre o cânone literário,

<sup>33</sup> GINSZBURG, Jaime. *Linguagem e trauma na escrita do testemunho*. Disponível em: <<http://www.msmidia.com/conexao/3/cap6.pdf>>. Acesso em: 02 jan. de 2011.

<sup>34</sup> Países da América Latina com processos ditatoriais: Argentina (1976/83); Bolívia (1971/85); Brasil (1964/85); Chile (1973/89); Colômbia (1983/87); Cuba (1959 até a presente data), El Salvador (1931/79); Equador (1972/79); Guatemala (1970/85); Haiti (1987/90); Honduras (1963/74); México (1853/55 – 1876/1910); Nicarágua (1967/79); Panamá (1968/85); Paraguai (1954/89); Peru (1968/80); República Dominicana (1952/58); Uruguai (1973/84); Venezuela (1908/35).

<sup>35</sup> Aquele sujeito que por questões de raça, de classe, de gênero, opção sexual, condições econômicas é marginalizado pelo poder oficial através de sua estrutura ou instituições.

<sup>36</sup> GARCÍA, Gustavo V. *La literatura testimonial latinoamericana: (re)presentación y (auto)construcción del sujeto subalterno*. Madri: Pliegos, 2003.

pois se torna uma nova forma de fazer literatura. Anselmo Alós<sup>37</sup> pontua exatamente isto, de que o objetivo não é uma produção canônica de literatura e sim um novo caminho para a expressão e a resistência aos processos de opressão, violência e repressão exercidos em períodos ditatoriais.

A peculiaridade da sua origem a coloca no âmbito de ser marginalizada, porque é gerada em circunstâncias extremas como a clandestinidade, o exílio, a subalternidade. E narrar o testemunho implica em resgatar através da escritura os fatos históricos, a liberdade, os direitos humanos e a dignidade.

Alós<sup>38</sup> soma à discussão sobre o cânone literário pontuando que o objetivo do *testimonio* está em seu processo de construção narrativa, visto que sua legitimidade se evidencia nos elementos que particularizam um povo, uma cultura e não nas grandes generalizações. “Das generalizações se ocupam os grandes gêneros literários – como a epopeia e o romance (particularmente o romance histórico) – aos quais foi atribuído valor literário canonizado e legitimado frente a praticamente todas as vertentes do pensamento crítico sobre literatura.”

Frente ao hibridismo que o gênero confessional carrega, pois abarca memórias e diários, testemunho e autobiografia, Elzbieta Sklodwska<sup>39</sup> procura sistematizar os testemunhos na América hispano-americana em dois grandes grupos, segundo as possibilidades de escritura e de narração. São eles: os testemunhos mediados e os testemunhos não-mediados.

Para testemunhos mediados define como aqueles em que não há relação entre o transcritor/narrador e a “testemunha”. Defino aqui “testemunha” como aquele que vivenciou a experiência narrada. Estes relatos acabam por adquirir, conforme Alós<sup>40</sup>, um caráter antropológico. Temos como exemplo *Me llamo Rigoberta Menchú, y así nació la consciencia*, 1985, de Elizabeth Burgos e *Si me permiten hablar... testimonio de Domitila*, 1977, de Moema Viezzer. Já os testemunhos não-mediados se referem àquelas narrativas em

---

<sup>37</sup> ALÓS, Anselmo P. Literatura e intervenção política na América Latina: relendo Rigoberta Menchú e Carolina Maria de Jesus. In: *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Diálogos Interamericanos*, n. 38, p. 139-62, 2009. Disponível em: <<http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/38/artigo8.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2008.

<sup>38</sup> Idem.

<sup>39</sup> SKŁODOWSKA, E. *Testimonio hispanoamericano*. Nova York: Peter Lang, 1992.

<sup>40</sup> ALÓS, Anselmo P. *Literatura de resistência na América Latina: a questão das narrativas de testimonio*. Disponível em: <<http://www.ucm.es/info/especulo/numero37/nartesti.html>>. Acesso em: 28 set. 2008.

que o transcritor/narrador e “testemunha” coincidem, e usando a categorização de Genette<sup>41</sup>, é autodiegética.

Seligmann-Silva<sup>42</sup> nos apresenta aspectos diferenciais entre a literatura de testemunho e o *testimonio*. Segundo o professor da Unicamp, o *testimonio* na América Latina é cerceado pela reflexão da função testemunhal da literatura e da criação de um novo Gênero literário. Ou seja, o *testimonio* latino-americano busca muito mais um revisionismo histórico, objetivando dar voz a uma camada oprimida e subalterna da população e aponta para uma convergência entre literatura e política. Talvez isto explique a decisão de adicionar em 1970 o prêmio testemunho Casas das Américas, por acreditarem no papel revolucionário e revisionista que as narrativas de cunho testemunhal desempenhavam. Por isto é comum encontramos em relatos de *testimonio* termos como os sem voz, oprimidos, subalterno, etc. O *testimonio* acaba por se configurar assim como um contra-discurso. E o sujeito é um sujeito coletivo.

Por sua vez, a literatura de testemunho aponta para um caminho um tanto distinto do *testimonio*, principalmente as narrativas relacionadas à Shoah. A literatura de testemunho caminha junto com a questão da memória, o desejo não é de recontar e revisar a história, mas sim de recuperar uma identidade destruída por catástrofes e situações de extrema violência (como os relatos de testemunhos marginais referentes ao sistema carcerário brasileiro)<sup>43</sup>. O narrador/testemunha precisa narrar o trauma para poder esquecê-lo. Esta dualidade da memória é recorrente nestes relatos. O sujeito desta narrativa é um sujeito único, que busca seu relato individual traumático como impar dentro da Shoah.

Embora haja estas particularidades nestas narrativas testemunhais (*testimonio*/literatura de testemunho) há esforços<sup>44</sup> coerentes em aproximá-las. A primeira delas é a ideia de escrita diaspórica, que é marcada pelo seu traço escritural, balizado pelo processo de recordação. Outro ponto de encontro entre estas duas teorias é o caráter identitário destas narrativas. Não enquanto construção de uma nova identidade, mas sim na apresentação de identidades

---

<sup>41</sup> GENETTE, Gerard. *Figuras*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

<sup>42</sup> SELIGMANN-SILVA, op. cit., 2003.

<sup>43</sup> SELIGMANN-SILVA relata a situação carcerária brasileira em que autores como Mendes e André Du Rap a comparam com o holocausto. Há em nossa universidade uma dissertação de mestrado cujo tema é a narrativa de Luiz Alberto Mendes de autoria de Adauto Locatelli Taufer, intitulada *Do factual ao ficcional: memória, história, ficção e autobiografia em "Memórias de um sobrevivente" de Luiz Alberto Mendes*, disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/10790/000601223.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 14 fev. 2010.

<sup>44</sup> SELIGMANN-SILVA, op. cit., 2003.

fragmentadas, ruinosas e híbridas em uma cultura pós-colonial. E, finalmente, na concepção de que o testemunho não é uma manifestação extra-literária, mas ao contrário, uma resistência do literário.

#### **1.4 AUTOBIOGRAFIA**

A discussão sobre a autobiografia é tema controverso. Percebe-se que é relevante a observação do momento em que o indivíduo instaura a escrita de si, em forma de narração. Há um propósito contundente por trás de todo ato narrativo. O motivo de ser da autobiografia é tomar a própria vida, ou detalhes dela, como assunto de uma narração.

Na discussão sobre o conceito de autobiografia, o estudioso francês Philippe Lejeune dedicou sua vida a esta questão. O intelectual francês é o pioneiro no tema e propôs um modelo fechado cientificista, sob a forte influência estruturalista, e exaustivamente revisto.

Lejeune<sup>45</sup> define autobiografia como: “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade.” (p. 14) Com esta definição o crítico postula quatro níveis de análise. O primeiro refere-se à linguagem, usa-se a forma narrativa e a prosa. O segundo é análise sobre o tema do assunto tratado, a vida individual e/ou a história de uma personalidade. O terceiro nível de análise reporta-se a situação do autor e sua identidade (cujo nome remete a uma pessoa real) e do narrador. O quarto e último nível de análise remetem a posição do narrador, a identidade do narrador e do personagem principal; a perspectiva retrospectiva da narrativa. (p. 14)

Embora com estas categorias de análises termine excluindo memórias, biografias, diário, romance pessoal, poema autobiográfico, auto-retrato e o ensaio do gênero autobiográfico pela sua definição, o próprio crítico se contradiz ao afirmar que “essas categorias não são absolutamente rigorosas: certas condições podem não ser preenchidas totalmente” (p. 15).

---

<sup>45</sup> LEJEUNE, op. cit., 2008.



Perseguindo a inconsistência de sua definição, Lejeune irá sugerir que a autobiografia se constitui em um pacto autobiográfico que se define como um contrato de leitura, ela é além de uma forma de escrita, uma forma de leitura:

[...] o gênero autobiográfico é um gênero contratual. A dificuldade com a qual tinha-me deparado em minha primeira tentativa devera-se ao fato de buscar em vão, no plano das estruturas, dos modos ou das vozes da narrativa, critérios claros para fundamentar uma diferença que faz parte da experiência de qualquer leitor (p. 45).

A definição de pacto autobiográfico foi a solução encontrada pelo teórico francês para delimitar a fronteira do factual e do ficcional nas narrativas autobiográficas, como também enfatizar o papel do leitor na hora da leitura de um texto de cunho autobiográfico. Trata-se de um contrato entre autor e leitor, que se comprometem com a apresentação sincera de uma vida e não com a exatidão histórica.

Os estudos de Lejeune suscitaram inúmeras críticas e comentários e quem mais dialogou com ele foi o teórico norte-americano Paul de Man. Em seu ensaio<sup>46</sup>, denominado *Autobiografía como desfiguración*, postula que:

[...] la teoría de la autobiografía está acosada por una serie recurrente de cuestiones y aproximaciones que no son sencillamente falsas, en el sentido de extravagantes o erráticas, sino que son restrictivas, en la medida en que asumen presunciones sobre el discurso biográfico que son de hecho altamente problemáticas (p. 147).

Neste ensaio, Paul De Man postula a prosopopeia como elemento articulador com a autobiografia. A prosopopeia, na retórica clássica, é um recurso literário para atribuir a palavra a personagens ausentes, que se evoca no ato de comunicar suas ideias e sentimentos. Há sempre nesta figura retórica um jogo de tempos, de espaços. Para Paul De Man a autobiografia é a prosopopeia da voz e do nome, é a necessidade de dotar-se de um eu, mediante um relato, de quem não possui este eu.

---

<sup>46</sup> DE MAN, Paul. *La retórica del romanticismo*. Madri: Akal, 2007.

Catelli<sup>47</sup> em *Prosopopeya: retórica de la autobiografía*, explica que: “El yo no es así un punto de partida sino lo que resulta del relato de la propia vida, del mismo modo que durante la representación teatral la máscara oculta algo que no pertenece a la escena, una entidad que le es ajena y a la que, de hecho, ni siquiera sabemos sí atribuir una forma.” (p. 226).

Paul de Man guia seu texto para a reflexão que se situa entre autobiografia e ficção, buscando estabelecer uma distinção entre ambas. Já que a autobiografia depende de ações reais e potencialmente verificáveis de uma maneira menos ambivalente que a ficção, a referencialidade e a representação aparecem na autobiografia supostamente justificáveis pelo uso do nome próprio. O teórico norte-americano pergunta se é possível encontrar segurança na referência do nome próprio. E se questiona<sup>48</sup>:

[...] ¿acaso no podemos sugerir, con idéntica justicia, que el proyecto autobiográfico puede en sí producir y determinar la vida y que cualquier cosa que haga el escritor está realmente gobernada por exigencias técnicas de autorretrato y por lo tanto determinada, en todos sus aspectos, por los recursos de su medio? (p. 149).

Este não é um questionamento à toa e é central no argumento de De Man, pois para ele autobiografia não é um gênero literário, e sim uma figura de linguagem, um tropo. De tal modo que os sujeitos se determinam mutuamente em uma substituição reflexiva no processo de leitura.

Referente a estes estudos, principalmente, o de Lejeune, fica a dúvida sobre como conceber uma definição de autobiografia para uma forma que também é ficcional usando a expressão “pessoal real”, ponto impossível de ser avaliado por meio da leitura?

Uma abordagem interessante referente aos estudos dos gêneros confessionais, pontualmente a autobiografia, é a de Costa Lima<sup>49</sup>, que define a autobiografia como um jogo de espelhos. Se o tempo presente mostra uma velhice corporal, a autobiografia permite o resgate de um tempo passado que possibilita uma auto-explicação. A autobiografia não se

<sup>47</sup> CATELLI, Nora. *Prosopopeya: retórica de la autobiografía* El espacio autobiográfico. In: \_\_\_\_\_. *En la red de la intimidad*. Rosario: Beatriz Viterbo Editora, 2007.

<sup>48</sup> De Man, op. cit., 2007.

<sup>49</sup> COSTA LIMA, Luiz. Júbilos e misérias do pequeno eu. In: *Sociedade e Discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

delimita como uma inequívoca declaração de verdade. O que constitui a autobiografia é o entre-lugar entre o discurso ficcional e o discurso histórico.

O narrador se constitui como testemunha real dos fatos narrados, traduzindo uma versão pessoal da História. Esta versão pessoal da História é permeada pela subjetividade do narrador, permitindo assim o seu caráter ficcional.

Esta definição de Costa Lima nos permite justificar as escolhas das autobiografias propostas neste trabalho. *O país sob minha pele* de Gioconda Belli<sup>50</sup>, não tem a pretensão de reconstruir um passado histórico, embora isto esteja inerente à autora; tem, sim, a pretensão de revelar a sua subjetividade e de transformar o presente. Ao seu desejo em contar sua história soma a necessidade de dar ao presente um novo significado, pois como pontua nos últimos parágrafos do livro:

Vivendo minha vida até este ponto, atrevo-me a afirmar que não há nada quixotesco, nem romântico em querer mudar o mundo. É possível. É o ofício ao qual a humanidade se dedicou sempre. Não concebo melhor vida do que uma dedicada à efervescência, às ilusões, à teimosia que nega a inevitabilidade do caos e a esperança (p. 375).

E também:

O futuro é uma construção que se realiza no presente, e por isso concebo a responsabilidade com o presente como a única responsabilidade séria com o futuro. O importante, percebo agora, não é que a pessoa veja todos os seus sonhos realizados; mas sim seguir teimosamente sonhando-os. Teremos netos e eles seus filhos, por sua vez. O mundo continuará e seu rumo nos será alheio. Nós mesmos o estamos dizendo cada dia, percebamos ou não. (p. 375)

Já o livro *Infiel*, de Ayaan Hirsi Ali, não objetiva realizar um revisionismo histórico ou utilizá-lo como uma espécie de libertação de um passado de sujeição a atrocidades promovidas pelo fundamentalismo islâmico. O que Ayaan deseja é projetar o futuro através do presente, combatendo o pensamento de subjugação feminina que o islamismo carrega.

---

<sup>50</sup> BELLI, op. cit., 2002.

## 2 GIOCONDA BELLI E AYAAN HIRSI ALI: APROXIMAÇÕES

A Nicarágua oferece hoje uma paisagem tão exótica como desoladora. Sua geografia com lagos e vulcões, selvas, natureza virgem e ilhas paradisíacas contrasta com a desigualdade econômica, com a pobreza de sua população e com uma crise de legitimidade institucional difícil de resolver. Como diria Júlio Cortázar<sup>51</sup>: *Nicarágua tan violentamente Dulce*.

Por sua vez, a Somália está localizada no extremo leste do continente africano, na região semiárida conhecida como Chifre da África. O território somali apresenta paisagens variadas com regiões montanhosas ao norte, desertos e savanas na área central e uma região subtropical ao sul. Assim como a Nicarágua, sua população é extremamente pobre e retira da agricultura e da pecuária a sua subsistência.

A história da Nicarágua, país da América Central, é marcada por conflitos e guerra. Inicialmente por conflitos indígenas, na época da Conquista, depois contra piratas que invadiam com regularidade o território nicaraguense nos séculos XVI e XVII, também por conflitos entre liberais e conservadores quando se declarou independente da Espanha, em 1821. O século XX marca a história nicaraguense com intensos conflitos, revoluções e guerrilhas. Primeiramente com a oposição a ditadura de Zelaya (1893-1907), seguidos pela revolução em 1912, que se opôs à política intervencionista estadunidense (que controlou a alfândega, o banco central e as ferrovias). Em 1926, depois de nova intervenção dos Estados Unidos, iniciou-se uma guerrilha liderada por Augusto César Sandino.

Após monitorarem as eleições de 1928 e 1932, os estadunidenses retiram-se do país. Porém, dois anos mais tarde, em 1934, Anastácio Somoza, chefe da Guarda Nacional conspira o assassinato de Sandino. Em 1936, através de um golpe de estado, apoiado pelos Estados Unidos, o mesmo Anastasio Somoza toma o poder. Durante 40 anos a família Somoza manteve-se à frente de um regime ditatorial violento, defendendo seus interesses.

Em 1962, Carlos Fonseca Amador, funda a Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSNL), cujo nome homenageia Augusto Cesar Sandino, com grande apoio dos camponeses.

---

<sup>51</sup> CORTÁZAR, Júlio. *Nicarágua tan violentamente dulce*. Buenos Aires: Muchnik Editores, 1984.

Em 19 de julho de 1979, a Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) conquista o poder na Nicarágua após longos e difíceis anos de luta guerrilheira.

A Somália, país de origem da escritora Ayaan Hirsi Ali, ainda hoje enfrenta um caos administrativo, desde sua “independência<sup>52</sup>”. Marcado por inúmeros conflitos entre seus clãs tribais que buscam o poder, a guerra civil devastou este país. Na antiguidade, este país, por se localizar na costa leste do continente africano, estabeleceu-se através do comércio ultramarino de especiarias. E foi devido a este intenso comércio que o islamismo ingressou no país. Por isto ainda hoje as diretrizes do islã se misturam com os hábitos tribais. Um exemplo é a prática de clitorictomia, anterior ao islã, mas justificada pela fé de Maomé. A mutilação genital é praticada nas meninas somali para que não se entreguem a perdição, ao vício e ao diabo.

Ao longo de sua primeira década de independência, a Somália foi conduzida por um governo de orientação democrática. Isso até 1969 quando o general das Forças Armadas, Mohamed Siad Barré, promoveu um golpe de estado que o transformou em líder máximo do país nos vinte anos seguintes. No ano de 1991, o general acabou sendo destituído do posto ditatorial pela força militar imposta pelos grupos políticos armados que se formaram durante esse tempo. O cenário político somaliano mergulhou em uma profunda crise em que nenhuma autoridade central ou conciliadora tivesse capacidade de alcançar a estabilidade nacional.

A Somália é uma das nações mais pobres do mundo. Após anos de guerra civil, a economia entrou em colapso e é controlada por uma minoria que explora o narcotráfico, a venda de armas e o comércio de alimentos. A maioria dos somalis depende dos programas de ajuda humanitária.

A maioria da população pertence à etnia somali, que se divide em inúmeros clãs. Os quatro maiores clãs – *dir*, *daarwood*, *hawiye* e *isxaaq* –, no entanto, respondem por aproximadamente três quartos da população do país. Os outros clãs, considerados inferiores, agrupam 20% dos somalis localizados no sul, e uma minoria pertencente à etnia *bantus*.

Atualmente a Somália, ainda vive em uma guerra civil e é considerada um dos cinco países mais corruptos do mundo, além de enfrentar sérios problemas estruturais. A sua população possui expectativa de vida menor que 50 anos de idade, doenças como cólera, tifo,

---

<sup>52</sup> A Somália nunca foi formalmente colonizada, a parte norte foi dominada pela Grã-Bretanha e a parte leste pela Itália, porém em 1960 ela ganhou independência quando estes dois pretorados se unificaram.

tuberculose e AIDS são responsáveis por esta baixa expectativa de vida. Mais da metade da população é analfabeta.

O islamismo é a religião oficial da Somália e, com raras exceções, a maioria dos somalis segue a tradição sunita. A falta de lei no país (não há Constituição, por exemplo) abre espaço para o crescimento do extremismo religioso. Há uma Carta de direitos do governo de transição, mas ela não possui restrições ou proteções à liberdade religiosa. Os muçulmanos não podem abandonar o islamismo, sob pena de morte.

Ultimamente a Somália está nos noticiários devido à atuação de piratas modernos<sup>53</sup> que seqüestram navios mercantes que navegam na costa do Chifre da África. Inicialmente era uma atividade praticada por pescadores, mas que devido ao retorno rentável há a conivência de militares somalis. Esta atividade ilegal gera muito lucro e também enfraquece o governo central somali, pois com o dinheiro obtido dos seqüestros a guerra civil é financiada e os clãs são muito bem armados.

São sob estes contextos que Gioconda Belli e Ayaan Hirsi Ali realizam suas autobiografias.

## 2.1 GIOCONDA BELLI - A NICARÁGUA TATUADA

Gioconda Belli nasceu em Manágua em 8 de dezembro de 1948, cursou o primário em Manágua e o secundário em Madrid, Espanha. Depois de obter o diploma de jornalismo nos Estados Unidos, voltou ao seu país e casou-se em 1967.

Seus poemas aparecerem inicialmente no jornal *La Prensa*<sup>54</sup>, de seu país em 1970. Sua poesia considerada revolucionária por sua maneira de abordar o corpo e a sensualidade feminina recebeu grande destaque. Em 1972 foi agraciada com o prêmio “Mariano Fiallos Gil” da Universidad Nacional Autónoma de Nicaragua, pelo livro de poesias *Sob la grama*. Este Prêmio é um dos mais prestigiados do seu país.

---

<sup>53</sup> Há disponível na internet um organizado material didático, intitulado “Piratas da Somália”, disponível em: <<http://veja.abril.com.br/educacao/piratas-somalia/piratas-somalia.html>>. Acesso em: 23 jan. de 2011.

<sup>54</sup> Jornal dirigido por Pedro Joaquín Chamorro, ferrenho opositor da ditadura somocista, e assassinado por esta em 10 de janeiro de 1978. Sua esposa, Violeta Chamorro tornou-se presidente da Nicarágua em 1990.

Como muito dos intelectuais de sua geração, Belli ingressou na Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) e militou nesta organização de 1970 até 1994. Perseguida pela ditadura de Somoza buscou o exílio no México, na Costa Rica e em Cuba. Foi membro da Comissão Político-Diplomática do FSLN. Foi correio clandestino, transportou armas, viajou pela Europa e América Latina angariando recursos e divulgando a luta sandinista.

Depois do triunfo sandinista, e até 1986, ocupou vários cargos dentro do governo revolucionário. Em 1984 foi representante sandinista frente ao Conselho Nacional de Partidos Políticos e voz da FSLN na campanha eleitoral desse mesmo ano. Belli abandonou os cargos oficiais em 1986 para poder dedicar-se o seu primeiro romance. Entre 1982 e 1987, publicou três livros de poesia: *Truenos y Arco Íris*, *Amor Insurrecto* e *De la costilla de Eva*. Estes livros ou seleções dos mesmos foram publicados na Espanha, México, Alemanha, Bélgica, Inglaterra, Itália e Estados Unidos.

Em 1988, Belli publicou seu primeiro romance *A mulher habitada*, que foi muito aclamado pela crítica e alcançou, na Europa e na América Latina, altas tiragens e numerosas edições. Na Alemanha a tiragem chegou a um milhão de cópias e alcançou mais de vinte edições, o romance conquistou o Prêmio dos Bibliotecários, Editores e Livreiros para o romance político de 1989. Nesse ano a autora recebeu também o Prêmio Anna Seghers, na Alemanha. Desde sua publicação, o romance foi traduzindo em onze línguas.

Em 1990, publicou seu segundo romance, *Sofía de los Presagios*, em 1996, *Waslala*, ambos traduzidos em vários idiomas. Gioconda publicou também um conto para crianças, *El Taller de las Mariposas*, e em 1998, outro livro de poemas, *Apogeo*. Em 2001 lançou o livro *O país sob minha pele*, um relato de seus anos como revolucionária da FSLN. E em 2006 publicou *El Pergamino de la Seducción*. Desde 1990 a autora divide seu tempo entre a Nicarágua e os Estados Unidos.

## **2.2 AYAAN HIRSI ALI - INFIEL AO ISLÃ E FIEL A SI MESMA**

Ayaan Hirsi Ali nasceu em Mogadíscio, Somália em 13 de novembro de 1969. Vinda de uma família que misturava os conceitos tribais com a fé islâmica, ela e os irmãos sofreram a ablação da genitália quando crianças. Seu pai, um ferrenho opositor a ditadura de Siad

Barré, opunha-se a esta prática. No entanto a cerimônia foi dirigida por sua avó, em um dos inúmeros momentos que seu pai esteve preso ou exilado.

Ayaan foi criada conforme os conceitos tribais de seu clã. Sua família descendia de um clã de nômades que percorriam constantemente os desertos do norte e do nordeste em busca de pastagem para seus rebanhos. No entanto, seu pai Hirsi Magan, era um homem de certa forma utópico, organizou classes de alfabetização em Mogadíscio, e mesmo com poucos recursos, buscava promover benfeitorias para sua população. Devido às suas ideias libertárias e por ser um membro proeminente da Frente Somali de Salvação Democrática, Hirsi Magan, foi perseguido pelo governo comunista de Siad Barré e preso e, por este motivo, Ayaan não se lembra de seu pai na infância.

Embora tenha nascido em Mogadíscio, por causa da situação política do pai, mudou-se muitas vezes de cidade e de país. Viveu na Etiópia, Arábia Saudita e Quênia. Durante a sua adolescência foi espancada por seu professor de Alcorão e teve o crânio fraturado. Casou-se em segredo com um primo, para que pudesse conhecer o sexo. Em 1992 foi forçada por seu pai a contrair matrimônio com um desconhecido que a levaria para morar no Canadá. Enquanto esperava seus documentos na Alemanha, fugiu para a Holanda onde recebeu o estatuto de refugiada.

Na Holanda trabalhou como faxineira e tradutora de somali para os refugiados. Aprendeu holandês e ingressou na universidade de Leiden, onde cursou Ciências Políticas. Com a atividade remunerada de tradutora do somali para o inglês pode acompanhar de perto o drama das mulheres muçulmanas em oposição ao ocidente. E tornou-se uma crítica ao Islã. Em 2002, foi eleita deputada pelo partido liberal. Em 2004, juntamente com o cineasta Theo van Gogh, realizou o curta *Submissão*<sup>55</sup>. Por causa deste vídeo Theo foi assassinado e Ayaan jurada de morte. Atualmente vive nos Estados Unidos com proteção policial, pois como Salman Rushdie, autor de *Versos satânicos*, está jurada de morte pelos fundamentalistas islâmicos sob a alegação de apostasia.

---

<sup>55</sup> VAN GOHG, Theo. *Submissão* Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=sUAHr-II5jU&NR=1>>. Acesso em: 18 mar. 2010.



## 2.3 QUANDO A AMÉRICA E A ÁFRICA SE ENCONTRAM

*O país sob minha pele* apresenta um subtítulo muito intrigante: *memórias de amor e de guerra*. A autora intitula sua autobiografia como um livro de memórias. A memória carrega consigo, como dito anteriormente, um traço histórico, expondo como objetivo certa necessidade de recuperar fatos passados. Por sua vez, a autobiografia trabalha com a individualidade. Também já posto aqui, os traços que subdividem os gêneros confessionais são tênues e, por vezes, misturam-se. No entanto, é nítido o processo de descobrimento do eu da narradora ao longo da narrativa. Enquanto nas memórias encontramos um *eu* que quer tirar do passado uma leitura do mundo, na autobiografia temos um *eu* que quer tirar do mundo o que compreende por ser sua própria história. As questões referentes ao seu país servirão sempre como pano de fundo para o extravasamento do seu *eu*.

Pois como definiu Bhabha<sup>56</sup> citando Frederic Jamenson em que “o contar a história individual e a experiência individual não pode deixar de, por fim, envolver todo o árduo contar da própria individualidade”. Ou seja, é impossível negar todos os acontecimentos históricos dos quais Belli participou e presenciou, porém o foco são as maneiras como a autora agiu individualmente sobre eles e/ou como estes acontecimentos agiram sobre ela. É interessante também que toda a fortuna crítica disponível sobre a obra de Gioconda Belli, bem como sobre o romance em estudo, classificam-no como um relato autobiográfico.

Conforme Galich<sup>57</sup>:

Todo lo dicho hasta acá refuerza la idea de la veracidad de lo narrado, pero recordando que debe ser interpretado, únicamente, como lo vivido por Gioconda Belli, no como el todo de la revolución. La única forma de que esta verdad total se podría tener sería que todos los involucrados contaran qué fue lo que pasó.

En este sentido el texto de la Belli no acusa esta preocupación porque a ella no le interesa que el lector tenga todas las perspectivas, le interesa contar su verdad, cómo participó ella en la insurrección, que pasó por su traumática negación de clase, haciendo más válida su participación en la lucha, según se lee entre líneas, motivo por el cual ella también tiene derecho y obligación (como continuación de la lucha revolucionaria) de criticar el rumbo que ésta tomó.

<sup>56</sup> BHABHA, Homi K. Disseminação: o tempo, a narrativa e as margens da nação moderna. In: *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007. p. 200.

<sup>57</sup> GALICH, Franz. *El país bajo mi piel ¿novela de caballería?* Disponível em: <<http://sololiteratura.com/gio/gioobrelpaisnovela.htm>>. Acesso em: 21 jan. 2011.

A autora se reconhece nicaragüense, como filha deste país tão selvagem e pobre, mas não se reconhece como integrante da população mais carente. Belli, em sua narrativa, acaba por se solidarizar com a população carente da Nicarágua, mas em momento algum se coloca nesta perspectiva. Ela se considera como uma quixotesca e uma libertadora do povo oprimido por quase 40 anos de ditadura.

As autobiografias propostas para estudo, *O país sob minha pele*, de Gioconda Belli e *Infiel* de Ayaan Hirsi Ali, se aproximam de inúmeras formas. Ambas vivenciaram processos ditatoriais em seus países bem como se posicionaram contra estes governos. E, coincidentemente, seus livros começam exatamente pontuando a relação com suas nações. A primeira atuou ativamente no movimento de libertação nacional, envolvendo-se com a guerrilha armada. A segunda viu por meio de familiares e de seu clã a luta de um segmento da população pela libertação da Somália.

Outro ponto em que as autoras se aproximam refere-se à influência religiosa. Ayaan e Gioconda foram educadas em rígidas diretrizes de suas crenças, Islâmica e Católica e é possível pontuarmos que romper com os dogmas de suas religiões as impulsionou a vivenciar outras experiências. Há também a vivência de um trauma como ponto de libertação, ou momento de *start* de uma nova consciência. O terremoto que destruiu Manágua em 1972 operou em Belli mudanças significativas. Por sua vez, em Ali, a ablação da genitália é central no início de suas lembranças. Em seu romance as lembranças surgem próximas ao momento desta mutilação, entre os 4, 5 anos.

As narrativas se entrecruzam e se distanciam quando as autoras abordam as suas relações familiares. Mesmo que apresentem divergências em relação às posições e atitudes de seus familiares é o rompimento<sup>58</sup> com pais e/ou irmãos que promove uma tomada de consciência da liberdade, dos seus desejos e de sua feminilidade. As bandeiras que levantam - para Ayaan a defesa das mulheres muçulmanas que sofrem castigos físicos brutais em nome de Alá, para Gioconda a literatura e a libertação da Nicarágua, constituem-se na defesa do presente como forma de garantir um futuro. Um futuro mais justo, igualitário e humano.

---

<sup>58</sup> Uso aqui a palavra rompimento, embora as relações se deteriorem, não há um rompimento definitivo, pois o amor é um elo inquebrável.

Como foi pontuado por Candido<sup>59</sup> em seus estudos sobre a questão da formação da literatura é devido as suas características locais, que a literatura adquire um caráter de universal. Apresentando temas específicos de seus países e de suas vidas, as autoras alcançam a universalidade através de suas vivências individuais.

## 2.4 A HISTÓRIA COMO CENÁRIO

As autoras vivenciaram momentos históricos efervescentes em seus países e acompanharam de perto todos eles. Os processos ditatoriais são pontuais em seus relatos, e funcionam como cenário para o desenvolvimento das narrativas autobiográficas. No caso da escritora nicaragüense, o processo ditatorial será sempre o cenário de seus eventos e de suas reflexões. Por sua vez, Ayaan viveu anos afastada do pai, que às vezes estava preso, exilado ou na clandestinidade.

Bhabha<sup>60</sup> pontua que a história da nação moderna é contada em um tempo de reunião de exilados, refugiados, imigrantes, etc, nas margens da cultura da nação que os recebem. Que nas reuniões em cafés, guetos, usando a língua do outro, reunindo signos de aceitação e de aprovação, que reúnem o passado e o presente em um ritual de revivências. Em *Infiel* Ayaan Hirsi Ali viveu a clandestinidade na Arábia Saudita, o asilo político na Etiópia e no Quênia e, anos mais tarde, refugiou-se na Holanda, Gioconda Belli em *O país sob minha pele* expõe o exílio forçado no México e na Costa Rica por conta de seu envolvimento com os sandinistas e de exílio voluntário nos Estados Unidos devido ao casamento com Carlos.

Como essas vivências em uma cultura diferente das suas nações reforçam um certo sentimento de nacionalismo nas autoras, porém tomam caminhos diferentes. A autora de *Infiel* abandonará definitivamente a sua crença islâmica e lutará contra o multiculturalismo. A autora nicaragüense se sentirá profundamente ligada a seu país, no entanto abandonará a guerrilha e usará a literatura como forma de reconstrução de sua nação.

---

<sup>59</sup> CANDIDO, Antonio. Poesia e Ficção na Autobiografia. In: *A educação pela noite*. Rio de Janeiro: Ouro sobre o Azul, 2006.

<sup>60</sup> BHABHA, op. cit, 2007a.

Mas é instigante que para as autoras se faz necessário apresentar o seu local de pertencimento. E isto é posto nas primeiras frases de seus relatos, em que definem o local de onde se fala. Ayaan<sup>61</sup> diz: “Nasci em um país dilacerado pela guerra e fui criada em um continente mais conhecido pelo que dá errado do que pelo dá certo” (p. 9). E Gioconda<sup>62</sup>: “Duas coisas que não decidi acabaram decidindo a minha vida: o país onde nasci e o sexo com que vim ao mundo” (p. 15).

Este pertencimento definirá as suas trajetórias de vida, pois funciona como um aviso ao leitor de que na modernidade a sua constituição de nação é exposta de uma forma distinta e complexa. As narrativas autobiográficas propostas para o estudo apresentam informações sobre o presente de suas nações que nos permite reconstruir um “passado histórico”, ou a própria história de seus países. Homi Bhabha<sup>63</sup> pontua que a temporalidade histórica na modernidade se revela no cotidiano, em um processo não horizontal de tempo: “As problemáticas fronteiras da modernidade estão encenadas nessas temporalidades ambivalentes do espaço-nação. A linguagem da cultura e da comunidade equilibra-se nas fissuras do presente, tornando-se as figuras retóricas de um passado nacional” (p. 202).

Esta narração do presente das nações é pertinente nas autobiografias estudadas. Em *Infidel* é mais evidente, pois na medida em que narra as relações com os clãs tribais que existem na Somália e justifica a sua interferência sistemática e constante nos acontecimentos familiares e da influência do clã nas decisões particulares da sua vida, a autora reconstituiu exatamente os motivos que levaram a Somália a uma guerra civil que dura até hoje.

É possível observar isto em inúmeras passagens da narrativa como na descrição genealógica que cada criança somali aprende desde que nasce. “Sou uma daroud, uma harti, uma macherten, uma Osman mahamud. Sou da estirpe chamada Ombro Mais Alto. Sou uma magan” (p. 20). Saber sua genealogia é questão de sobrevivência. Ayaan Hirsi Ali pertence ao clã dos Daroud (os dos ombros altos) e dos Isaq. Pode-se exemplificar também que, quando volta para Mogadíscio, depois de viver exilada longos anos no Quênia, a cidade está destruída, saqueada, e os assaltos e atos violentos são corriqueiros.

---

<sup>61</sup> ALI, op. cit., 2007.

<sup>62</sup> BELLI, op. cit., 2002.

<sup>63</sup> BHABHA, op. cit., 2007a.

Para escapar de um assalto ela recorre a sua relação com o clã, mesmo clã dos assaltantes e se identifica. Isto reforça um costume ancestral somali e garante a sobrevivência em um país destruído pela guerra civil.

O sujeito era isaq, notei pelo sotaque. Mogadíscio estava cheia de refugiados isaq expulsos do norte pela guerra. Pensei que talvez ele nos soltasse se também fôssemos isaq, de modo que me apressei a enumerar o clã da minha mãe, tal como ela me ensinou. Compreendendo tudo, Ainanshie manteve a calma e não sacou a arma; se o fizesse, eu seria degolada instantaneamente. "Está vendo? Essas moças são suas irmãs isaq", disse ele aos assaltantes. "E sou casado com outra irmã delas. Estou levando-as para casa." Os dois desapareceram com a mesma rapidez com que tinham aparecido (p. 202)<sup>64</sup>.

Outro exemplo é que depois de fugir de um casamento arranjado pelo seu pai com outro integrante do clã, Osman Moussa, ela é coagida a retornar ao seu marido pelo conselho de anciãos de seu clã.

Na noite de 26 de janeiro, Osman Moussa chegou com oito anciãos do osman mahamud e dois macherten; o numeroso grupo de homens se aglomerou diante do trailer de Hasna, no escuro. Muito embora estivéssemos em solo holandês, aquela seria uma reunião real e formal dos anciãos do nosso clã.<sup>65</sup> Devido à grande vergonha que eu havia causado, a família osman mahamud não ia permitir que eu decidisse o meu futuro sozinha (p. 298-9)<sup>66</sup>.

Embora Ayaan tenha conseguido se impor frente ao seu clã, seu pai só volta a lhe dirigir a palavra anos depois por imposição do clã. Sua irmã, Haweya está enferma na Holanda e um dos príncipes do seu clã vai visitá-la no hospital e se surpreender ao encontrar Ayaan cuidando da irmã e informa ao seu pai. "Papai me disse que Yassin Moussa Boqor lhe contara que eu estava cuidando da minha irmã com muita dedicação. E acrescentou que

---

<sup>64</sup> ALI, op. cit., 2007.

<sup>65</sup> Nesta passagem Ayaan Hirsi Ali relata um pensamento e uma postura que permeará quase todas as atitudes dos somalis refugiados na Holanda. Não importa o local que estejam, a sua cultura sempre deverá se sobrepor a cultural local, não há possibilidades para adaptações. Quando esteve em Porto Alegre, em 2008, proferindo palestra no Fronteiras do Pensamento, criticou o Multiculturalismo que tudo faz para receber a cultura do refugiado. Isto origina uma série de medidas sociais que contribuem para a formação de guetos, como criação de escolas muçulmanas, bairros de somalis, uma ajuda social que sustenta o refugiado e este não busca inserção no mercado de trabalho. No caso da Holanda de guetos muçulmanos, somalis, quenianos, etc. Nestes guetos, há a ideia de que não é o refugiado que precisa se adaptar à cultura que o recebe, e sim o contrário.

<sup>66</sup> ALI, op. cit., 2007.

qualquer homem deveria se sentir abençoado por ter uma filha assim. [...] O príncipe lhe pedira respeitosamente que me perdoasse” (p. 363).

Já no que tange a *Gioconda*, são os costumes das famílias nicaragüenses da década de 60 e de 70 que buscam na Metrópole (neste caso EUA) seus valores, em oposição à pobreza da população que é fruto da disparidade social existente no país latino-americano e isto é tão genuinamente explicitada no seu texto, que origina a guerrilha armada, opondo-se ao governo ditatorial de Somoza. São nos relatos das festas do Country Club de Managua, do seu casamento na tradicional igreja Del Carmen, da casa moderna e angular, no renomado bairro de Bolonia, do estudo no exterior, que demonstram as peculiaridades da vida burguesa que uma minoria social nicaragüense vivia. São nestas pequenas descrições da vida cotidiana que as autoras acabam por expor a história e a cultura de suas nações.

Wander Melo Miranda<sup>67</sup>, ao analisar a constituição das nações na modernidade, nos relembra Candido com a *Formação da Literatura Brasileira*, onde um projeto engajado de que fazer uma nação e uma literatura são processos simultâneos, e como diria Bhabha *na produção de uma nação pela narração*.

Os fragmentos os retalhos e restos da vida cotidiana devem ser repetidamente transformados nos signos de uma cultura nacional coerente, enquanto o próprio ato da performance narrativa interpela um círculo crescente de sujeitos nacionais. Na produção da nação como narração ocorre uma cisão entre a temporalidade continuísta, cumulativa, do pedagógico e a estratégia repetitiva, recorrente, do performativo. É através deste processo de cisão que a ambivalência conceitual da sociedade moderna se torna o lugar de escrever a nação (p. 207).

Bhabha seguirá sua reflexão na elaboração dos conceitos de objeto pedagógico do performativo que o levará a refletir sobre o local da cultura e a constituição da identidade de um povo, são estes processos identitários que pretendo abordar no capítulo seguinte. Porém se faz fundamental assinalar que nenhuma das autoras propõe em suas narrativas o recontar da história, o que é evidente nas narrativas em que o processo de contar a sua história individual, define a construção do sujeito na modernidade.

---

<sup>67</sup> MIRANDA, Wander Melo. Nações Literárias. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, São Paulo, n. 2, p. 31-38, maio 1994.

A narrativa da nação será realizada em conjunto pela escrita da história e da literatura. Onde fatos e fontes não puderem ser utilizados, caberá à ficção preencher as lacunas do passado mediante a criação de tramas ficcionais. Entretanto, essa realização conjunta nem sempre será pacífica, ou melhor, nem sempre será realizada com o trato ficcional dos dados analisados pela história. Entretanto, essa narratividade da nação dentro da prática literária também pode ser acompanhada enquanto multiplicadora das fronteiras culturais da nação, possibilitando a incorporação de outros espaços de significação.

## 2.5 AS TINTAS ESCURAS DA RELIGIÃO

Na América Latina a imposição da Colônia se fez pela violência e pela religião. Todorov<sup>68</sup> aponta que os motivos que levaram Cristóvão Colombo a iniciar a empreitada de chegar às “Índias” foram muito mais divinos do que econômicos. Dizem com isto que a América já “nasceu” católica. O desejo de buscar a vitória universal do cristianismo necessita de financiamento e, os únicos reis dispostos a isto, são os Católicos – Isabel e Fernando da Espanha. No entanto, diz Todorov, a “necessidade de dinheiro e o desejo de impor o verdadeiro Deus não se excluem. Os dois até estão unidos por uma relação de subordinação: um é meio e outro fim” (p. 13).

Usando a mesma lógica, porém de forma inversa, a luta sandinista usa a religião e a fé cristã do povo nicaraguense com instrumento para a instauração de um governo comunista. A religião é o meio e, a tomada do poder pela guerrilha, é o fim. Conforme Martin<sup>69</sup> a Teologia da Libertação foi o modelo perfeito para os sandinistas. Embora a igreja estivesse oficialmente ao lado do poder, nos negros tempos da ditadura, alguns padres “vermelhos” estavam ao lado da guerrilha, pregando ao povo.

Pode-se exemplificar com o livro *En el tiempo de las mariposas*<sup>70</sup>, de Julia Alvarez. Esse livro nos conta a história verídica das Irmãs Mirabal, que envolvidas na luta pela libertação da República Dominicana, foram assassinadas pela ditadura de Trujillo. Uma das

---

<sup>68</sup> TODOROV, T. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

<sup>69</sup> MARTIN, Malachi. *The Jesuits: The Society of Jesus and the Betrayal of the Roman Catholic Church*. Nova York: The Linden Press/Simon & Schuster. s/d.

<sup>70</sup> ÁLVAREZ, Julia. *En El tiempo de las mariposas*. Madri: Alfaguara, 2001.

irmãs Mirabal, Patria, extremamente religiosa, usou a igreja como espaço e mote para a luta contra a ditadura de Rafael Trujillo.

A Teologia da Libertação usou um sistema criteriosamente planejado e cujo princípio básico era muito simples: O conjunto e significado único do cristianismo, como religião, deveria se resumir a uma conquista – a libertação de homens e mulheres, por revolução armada e violenta, caso necessário, da escravidão econômica, social e política imposta pelo capitalismo americano, e que deveria ser implementado pelo estabelecimento de um "socialismo democrático". Essa teologia integra a própria finalidade do marxismo-leninismo. Acredita-se na clássica luta de classes para libertar-se de toda dominação capitalista, palavras e frases carregadas de significado para as pessoas foram propagadas em sermões e seus verdadeiros significados virados de cabeça para baixo.

O Islã<sup>71</sup>, quer dizer submissão a Deus é, ao mesmo tempo, uma religião, uma lei, uma moral, um estilo de vida, uma cultura. Estima-se que seja a maior religião do mundo com 1,5 bilhões de fiéis representando cerca de 25% da população mundial. Com o 11 de setembro de 2001 a fé islâmica apresentou-se no cenário mundial com uma das suas faces: o fundamentalismo. Baseado nos preceitos ditados pelo Anjo Gabriel a Maomé em 611 da nossa era, o islamismo tem como livro santo o Alcorão. Além de ser um resumo teológico doutrinário que expõe todos os dogmas, o Alcorão é também um código jurídico e social, tratado moral e um manual de comportamento e é composto por 114 suratas (capítulos) e 6.235 versículos.

O islamismo ingressou na África Negra durante os séculos XIX e XX por que soube aproveitar as perturbações econômicas e as rupturas sociais ao se apresentar como mediador e, sobretudo, porque melhor que os sincretismos católicos, integrou diversos costumes locais, entre os quais a poligamia, e não impôs o uso do véu a mulheres que tradicionalmente, na sociedade tribal que viviam, andavam quase nuas. Sobre isto, Ayaan exemplifica ao longo de sua narrativa com o sincretismo de sua avó ao invocar os *djins* e os espíritos ancestrais, bem como a ablação da genitália. Porém no prefácio de seu outro livro, *A virgem na jaula*<sup>72</sup>, a autora explica de forma contundente a influência da crença islâmica na sua família, na cultura somali e no mundo.

---

<sup>71</sup> BALTA, Paul. *Islã*. Porto Alegre: LP&M Pocket, 2010. p. 124.

<sup>72</sup> ALI, Ayaan Hirsi. *A virgem na jaula, um apelo a razão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.



Vejamos:

Meus pais me educaram para ser muçulmana – uma boa muçulmana. O islã dominava a vida e as relações da minha família, até os mínimos detalhes. Era nossa ideologia, nossa convicção, nossa política, nosso padrão moral, nossa lei e nossa identidade. Antes e acima de tudo, éramos muçulmanos e, só então, somalis. Muçulmanos, conforme aprendemos, são aqueles que se submetem à vontade de Alá, expressa no Alcorão e no Hadith, uma coletânea de dizeres atribuídos ao profeta Maomé. Aprendi que o islã nos separa do resto do mundo, o mundo dos não-muçulmanos. Nós muçulmanos somos os escolhidos por Deus. Eles, os outros, os *kfir*, os infiéis, são anti-sociais, impuros, bárbaros, incircuncisos, imorais, inescrupulosos e, acima de tudo, obscenos; suas meninas e mulheres são prostitutas, pelas quais eles não têm o menor respeito; muitos deles são homossexuais, homens e mulheres fazem sexo fora do casamento. Os infiéis são malditos, e Deus lhes reserva as mais atrozes punições no além (p. 9-10).

Esta visão de mundo onde os muçulmanos são os escolhidos e que, por isso, devem submissão total a Deus e a de que as mulheres são propriedades dos homens e que sua essência se reduz ao seu hímen e que, portanto, a reputação e a honra de um homem e de sua família dependem inteiramente do comportamento respeitável e obediente das mulheres permeará toda autobiografia de Ayaan. No entanto, na sua primeira infância, a influência do islamismo não é percebida por ela, a avó a mantém nos ensinamentos tribais de seu clã e assim como seu pai, sua mãe também é ausente, e quando presente é maltratando seus filhos, sempre praguejando e/ou rogando que Alá corrigisse o péssimo comportamento que tinham e que libertasse seu pai do jugo de Siad Barré.

Para Ayaan criança, a religião é coisa de adultos. Ainda na Somália, Ayaan frequenta a escola Alcorânica, porém não apresenta na sua narrativa a importância ou a consciência da religiosidade. Somente quando vai morar na Arábia Saudita, em Meca, que o islamismo começa a ter um maior significado para ela.

Na Arábia Saudita, o primeiro olhar de Ayaan é de estranhamento, ao ver mulheres vestidas totalmente de preto, onde sequer aparece um mínimo pedaço de pele. Faço um paralelo com a descoberta da América. Quando os espanhóis chegaram ao novo continente se surpreenderam por encontrar um tipo humano selvagem e nu. Ayaan uma criança, de vivência tribal e podemos dizer simbolicamente selvagem, encontra mulheres totalmente vestidas.

Conforme *Infiel*:

Nós nos afastamos, correndo, e nos aproximamos daquelas figuras pretas. Olhávamos para elas, tentando achar seus olhos. Uma mulher ergueu a mão, calçando luva preta, e gritamos: “ela tem mãos!”. Fazíamos caretas para elas. Fomos realmente intragáveis, mas estávamos diante de uma coisa tão inusitada, tão sinistra que queríamos domá-la, torná-la menos horrível (p. 68)<sup>73</sup>.

Em Meca freqüentará a escola alcorânica onde aprenderá a recitar o Alcorão com reverência, respeitará as preces diárias e freqüentará a Mesquita. Vivenciará um islamismo mais próximo do fundamentalismo, já que na Arábia Saudita as leis sociais e culturais são ditadas pelo Alcorão. A segregação feminina foi mais impactante: havia ônibus somente para mulheres, e ônibus somente para homens, as casas possuíam duas portas, a de entrada para os homens e a dos fundos para as mulheres, rezava somente entre mulheres, pois rezar junto dos homens era *haram*, além de seu irmão, por ser homem, poder fazer o que bem desejasse e ela e a irmã não. Neste momento também viverá também mais próximo do pai que fará um contraponto com o fundamentalismo já que pregará um islamismo mais brando do que sua mãe e do que os sauditas.

Porém é no Quênia, já na adolescência, que Ayaan sofrerá uma das maiores violências em nome de Alá. É espancada e tem o crânio faturado pelo seu professor de Alcorão. Vivenciará de uma maneira mais extremista a sua fé muçulmana, usando inclusive o tradicional *hijab* negro<sup>74</sup>. Foi sob a influência da professora Aziza, que iniciou a sua luta interior. A fé deixou de ser declamada e decorada e passou a ser vivenciada. Juntamente com isto, vivenciou o despertar da sua feminilidade. “Eu vibrava com aquilo: um sentimento voluptuoso. Sentia-me poderosa: por baixo daquele tecido se ocultava uma feminilidade até então insuspeitada, mas potencialmente letal” (p. 131).

Foi no Quênia que teve, pela primeira vez, a oportunidade de contatar com culturas não muçulmanas e com a influência ocidental. Acabou, assim, por adquirir uma crescente consciência sobre a desigualdade e injustiça com que uma sociedade tradicional, baseada em valores islâmicos e pré-islâmicos e patriarcais tratava as mulheres. Lentamente, Ayaan Hirsi

---

<sup>73</sup> ALI, op. cit., 2007.

<sup>74</sup> Um vestido feito de um tecido grosso e negro que cobre todo o corpo feminino. Deixando às vezes os olhos ou o rosto de fora. Diferente da burca, que é usada no Afeganistão e que cobre todo o corpo inclusive os olhos.

Ali, começou também a formar um pensamento crítico sobre a visão do mundo arcaica e hipócrita em que assentava essa ordem social. Esta consciência de seu corpo e de sua feminilidade despertará lentamente a sua razão.

Gioconda, semelhantemente a Ayaan, também foi educada sob uma forte influência religiosa, casou-se virgem na tradicional Igreja Del Carmem. Estudou em internatos de freiras na Espanha e na Filadélfia. O internato da Filadélfia foi o mesmo que sua mãe havia estudado. Observa-se aqui uma tradição religiosa que foi até o casamento obedecida integralmente. No entanto, em Gioconda haverá sempre o desejo de libertação deste estereótipo de mulher católica, obediente aos preceitos da fé e ao marido.

Fui duas mulheres e vivi duas vidas. Uma das minhas mulheres queria fazer tudo segundo os clássicos anais da feminilidade: casar, ter filhos, ser complacente, dócil e bem nutrida. A outra queria os privilégios masculinos: independência, valer-se por si mesma, ter uma vida pública, agitação, amantes (p. 15-6)<sup>75</sup>.

Embora ambas as escritoras tenham tido a formação religiosa, traçam caminhos distintos. O que é natural no que se refere ao contexto em que viviam. Mesmo originárias de países pobres e apresentarem uma situação mais cômoda frente ao resto da população de seus países, as diferenças das doutrinas religiosas que professavam promoveram na escritora nicaragüense um libertação mais antecipada que na escritora somali. Esta libertação será pela via da feminilidade e de se sentir fiel aos seus “desejos” de mulher. Com Gioconda acontece de maneira arrebatadora, juntamente com a literatura e o envolvimento com a FSLN.

Não era comum que uma mulher celebrasse seu sexo em 1970. Minha linguagem subvertia a ordem das coisas. De objeto, a mulher passava a sujeito. Nos poemas eu nomeava a minha sexualidade, me apropriava dela, exercia-a com gozo e pleno direito. Os poemas não eram explícitos, muito menos pornográficos, mas enalteciam meus plenos poderes de mulher. Aí residia o escândalo (p. 67-8)<sup>76</sup>.

O que se torna surpreendente é que, as autoras, ao romperem com os dogmas religiosos, evidenciando a desconstrução de um discurso moralista e patriarcal, permitem

---

<sup>75</sup> BELLI, op. cit., 2002.

<sup>76</sup> BELLI, Gioconda. *O país sob minha pele*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

alcançar uma nova consciência identitária. Ayaan e Giocanda se tornam sujeitos de suas histórias, não são mais objetos. Os preceitos religiosos católicos e islâmicos predestinavam a mulher à condição de subalternidade, o rompimento com a religião, não é objetivamente um rompimento com Deus ou Alá, mas fundamentalmente um rompimento com a condição de subalterno.

Independentemente da fé professada, católica ou muçulmana, destes valores religiosos, em ambas o comportamento feminino determinará a honra masculina, por isto as mulheres precisam ser submissas e dóceis, andarem cobertas e apartadas do mundo. Marjane Satrapi<sup>77</sup>, em sua autobiografia *Persépolis*, destaca bem esta disparidade sobre a questão feminina em ambas culturas religiosas pois como diz: “*encontramos os mesmos extremistas em todas as religiões*”.

## 2.6 O PRETO E O BRANCO DO TRAUMA

O século XX está permeado de situações catastróficas, guerras, desastres naturais, violências e conflitos referentes às migrações territoriais, que segundo SCHMIDT<sup>78</sup> aproximam-nos da barbárie.

Uma série de fatos tem interligado e entrelaçado a vida individual, direta ou indiretamente, ao significado de experiências coletivas em diversos lugares do planeta, e seus efeitos têm causado impacto profundo na percepção de nosso pertencimento a uma comunidade humana e na nossa consciência de que as lições do século XX – as duas Grandes Guerras Mundiais, Auchwitz e Hiroxima – não foram suficientes para erradicar a barbárie. Pelo contrário, no novo milênio, ela não se limita aos campos de guerra, mas se dissemina assustadoramente, sob várias formas, nas mais diversas esferas da vida cotidiana, o que nos leva a suspeitar de que não vivemos apenas uma crise de paradigmas, atribuída a novos valores que emergem no rastro de recentes tecnologias informacionais e processos econômicos globalizantes delas decorrentes, mas sim uma revolução de dimensões planetárias na qual o que está em crise, talvez mais do que em qualquer outro momento histórico, é a nossa concepção do humano, do valor da vida, dos seres e do planeta (p. 12).

---

<sup>77</sup> SATRAPPI, Marjane. *Persépolis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

<sup>78</sup> SCHMIDT, Rita Terezinha. A literatura comparada neste admirável mundo novo. In: *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 11, p. 11-33, 2007.

Frente a todo este panorama se faz necessário buscar alternativas para novas significações, ou ressignificações do mundo e da individualidade, e um dos locais apropriado desde final do século passado tem sido a literatura. Por que se buscam novas formas e novos espaços pra compreender a realidade e a nossa identidade e de representá-las. Esta barbárie gera no indivíduo um trauma, que precisa, para ser esquecido e expurgado, ser lembrado.

Freud<sup>79</sup> dedicou-se inúmeros anos ao estudo do trauma. Inicialmente, seus estudos relacionavam o trauma com a histeria, e eram experiências emocionais que provocavam, o medo, a raiva, susto, vergonha, entre outros e que o psiquismo encontrava dificuldade em resolver pelo pensamento associativo ou por reação motora. No entanto, seus estudos avançam e passa a compreender o trauma como um evento de dois tempos: é preciso acontecer um evento vivido de forma submissa e passiva pelo indivíduo que sente o impacto, mas nada compreende, e um segundo momento, em que se ressignifica o evento primeiro instalando-se o trauma propriamente dito. Nessa concepção, não é mais o evento que age traumáticamente, mas a sua lembrança, quando o sujeito é capaz de compreender o evento, quando essas experiências se reorganizam e adquirem uma significação traumática por excelência.

Conforme Seligmann-Silva<sup>80</sup>, sobre a definição freudiana de trauma, é algo que não pode ser totalmente assimilado quando de seu evento. A literatura é a força motriz para simbolizar uma realidade que tem uma essência dicotômica: é passado e presente. Narra-se o trauma, para esquecê-lo. Lembra-se de um passado, simboliza este acontecimento traumático real, que permita a ele adquirir outro significado, para, enfim, esquecê-lo.

Ginzburg<sup>81</sup> nos dirá que em nosso mundo marcado por catástrofes, que Schmidt ampliará chamando de barbárie, o trauma será um elemento constitutivo da formação social. Com o trauma perde-se a capacidade de discernimento de real e irreal.

Observamos na narrativa autobiográfica *El pais sob minha pele* que o terremoto de arrasou Manágua, capital da Nicarágua, em 1972 foi de proporções catastróficas. Este abalo sísmico 6.2 da escala Richter ocorreu na noite do dia 23 de dezembro de 1972, durou aproximadamente 30 segundos, seguidos por outros dois de 5.0 e de 5.2 uma hora depois do

---

<sup>79</sup> FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer. In: *Obras Completas XVI*. Rio de Janeiro: Imago, 1972.

<sup>80</sup> SELIGMANN-SILVA, op. cit., 2003

<sup>81</sup> GINZBURG, Jaime. *Autoritarismo e literatura: a história como trauma*. Disponível em: <<http://sites.unifra.br/Portals/35/Artigos/2000/33/autoritarismo.pdf>>. Acesso em: 14 de fev. de 2011.

primeiro, e destruiu a capital do país. Mais de 20 mil ficaram feridos, e o número de mortos foi superior a 10 mil, visto que muitos não foram retirados dos escombros e o odor dos corpos em decomposição durou mais de cinco meses. Os incêndios causados pelo tremor duraram até aproximadamente duas semanas depois. Este terremoto destruiu noventa por cento da cidade, hospitais, prédios, comércio, serviços públicos como água potável e energia elétrica desapareceram. Compara-se a destruição causada pelas bombas atômicas em Hiroxima e Nagasaki, no Japão, durante a segunda guerra mundial.

Gioconda dedica um capítulo inteiro de sua autobiografia descrevendo esta catástrofe e encontramos ecos deste desastre ao longo de sua narrativa. Narra também tudo que se operou nela depois deste abalo sísmico. Como se dentro do seu ser também houvesse acontecido um terremoto e seria necessário construir uma nova vida sob ruínas.

Belli<sup>82</sup> descreve:

As memórias de minha infância e adolescência aconteceram em uma cidade que já não existe, uma cidade que foi destruída em uma noite de poeiras e incêndios. Teria sido 3 minutos no total, talvez menos, o que bastou ao terremoto para destruir tudo: caminhar sobre a cidade como uma besta massacrando edifícios, poste de iluminação, casas, as esquinas, as ruas de minhas lembranças. A terra traiçoeira sacudiu todas as falhas como a cabeleira de Medusa, e idades geológicas vieram ao solo em um derrame subterrâneo que sepultou em seu seio vinte mil vidas. Nessa noite de véspera de Natal os trenós, as renas e os papais noéis acostumados ao pólo Norte arderam em um incêndio descomunal que arrasou seiscentas macieiras da minha pobre cidade, enfeitada para a noite de Natal. Passavam-se 28 minutos da meia-noite do dia 23 de dezembro de 1972 (p. 34-5).

Embora a citação seja um pouco extensa, é interessante observarmos a percepção da autora com a catástrofe, a lembrança que ela tem do momento em que ocorreu o abalo sísmico é de aproximadamente 3 minutos, enquanto que na realidade durou apenas 30 segundos. O número de mortos que Gioconda estima é o dobro do que foi dado pelo número oficial. Não há como mensurar a dor que se disseminou naquele abalo sísmico. Passados 28 anos da catástrofe, quando ela escreve sua autobiografia, observa-se uma maximização do acontecimento traumático que, de acordo com Freud, ocorre em duas etapas, no momento do evento e depois. Para mostrar a amplitude e os efeitos do terremoto, a autora aumenta conforme a sua percepção de indivíduo que vivenciou o trauma e que à medida que se afasta

---

<sup>82</sup> BELLI, op. cit., 2002.

deste evento ele se reverbera. Gioconda o compara ao dia do juízo final: “A cidade submersa em uma nuvem de poeira. Um meteorito, pensei. O juízo final. Com certeza era um cataclisma mundial. A lua cheia brilhava com um fulgor espectral” (p. 35).

O desastre fez com que ocorresse um êxodo de muitas famílias nicaragüenses, semelhantemente ao que ocorreu com a de Gioconda que se refugiou em Granada e em León. As estradas ficaram congestionadas pelo desfile de carros em que os amedrontados sobreviventes fugiam. A fim de evitar uma epidemia, devido ao caos que se instaurou na cidade, ordenou-se evacuá-la a cidade com a maior brevidade, e a descreve como um *naufrágio coletivo*.

Relata Belli<sup>83</sup>:

Chorava-se em qualquer ombro solitário. Era uma dor imensa, um naufrágio coletivo. A cidade inteira se afogava em dor e nostalgia. (...) Milhares de pessoas, com os rostos ausentes e enlouquecidos iniciara na mesma manhã um êxodo em caminhonetes e caminhões desengonçados levando utensílios domésticos, móveis; saindo desesperadas da cidade sem água e sem luz como se alguém tivesse dado ordens de evacuar. Circulavam rumores sobre epidemias que se alastrariam devido às centenas de cadáveres empilhados nas ruínas (p. 37).

Outro ponto importante que a história relata é que com a destruição de Manágua pelo terremoto e o caos que se instaurou na cidade, os saques tornaram-se comuns. Recentemente nas enchentes no Rio de Janeiro, a mídia alardeou que a população organizava uma espécie de grupos de segurança e policiamento para evitarem os saques e os roubos tão comuns quando destes acontecimentos catastróficos. O terremoto que destruiu o Haiti no início de 2010 também foi seguido por uma onda de saques. Sobre este assunto Belli<sup>84</sup> confessa:

Nessa manhã acompanhei meu pai para retirar a mercadoria da única filial do seu armazém que ficou de pé e, ao passar por uma loja com promoção de bonecas gigantes, peguei uma dizendo a mim mesma que não importava. De qualquer maneira tudo se perderia com os saques. Pelo menos minha filha teria um brinquedo no Natal. (p. 38)

---

<sup>83</sup> BELLI, op. cit., 2002.

<sup>84</sup> BELLI, op. cit., 2002.

Surpreende a reação humana que nos momentos de dor, também exerce uma espécie de instinto de sobrevivência e procura visualizar apenas o seu “problema”. Ao roubar a boneca para filha é possível observar dois sentimentos antagônicos e, um dos princípios que, segundo Freud, rege o funcionamento mental: a atividade psíquica no seu conjunto tem por objetivo evitar o desprazer e proporcionar o prazer. O princípio do prazer é um princípio econômico na medida em que o desprazer está ligado ao aumento das quantidades de excitação e o prazer a sua redução. Inicialmente, na perspectiva freudiana, o trauma acontece devido a uma super-excitação psíquica e que busca a sua normalidade através de situações de prazer. Naquele momento, para Gioconda, levar a boneca para sua filha, é liberar o princípio do prazer e aplacar o trauma causado pelo evento catastrófico.

Observamos a proporção do trauma em Gioconda quando ela relata a situação semelhante que vivenciou em 1993, na Califórnia e a que fez rememorar todo o evento ocorrido em 1972. E coincidentemente o sentimento que ela descreve: raiva é um dos sentimentos apontados por Freud em seus estudos em eventos traumáticos.

Um terremoto é mais do que suficiente para a memória de qualquer pessoa. Por isso, quando, na madrugada do dia 17 de janeiro de 1993, a terra sacudindo enraivecida me despertou com violência em minha casa em Santa Mônica, em Los Angeles, a primeira coisa que senti foi raiva (p. 40)<sup>85</sup>.

Importante é que este evento irá proporcionar a autora um confronto com seu trauma anterior e proporcionar outras reflexões. Ao reviver esta experiência, em que o desfecho é diferente, causa assombro na autora. Ela não compreende como as pessoas não se desesperam frente ao acontecido:

Quando amanheceu [...] surpreendeu-me ver na avenida San Vicente corredores e caminhantes que faziam seus exercícios cotidianos como se nada tivesse acontecido. [...]

Eu não cabia em mim de assombro. A discrepância entre meu aterrorizante estado de ânimo e o ambiente que me rodeava me fez pensar que estava enlouquecendo. [...] Esta experiência em nada se parecia com à da Nicarágua [...]. (p. 41)<sup>86</sup>

---

<sup>85</sup> BELLI, op. cit., 2002.

<sup>86</sup> Idem.



Essa experiência vivenciada permitiu a autora atribuir outro significado ao primeiro terremoto, na Nicarágua. Isto não quer evidenciar que, a situação traumática vivida em 1972, tenha sido resolvida, mas sim ganhado outro significado. Em um raciocínio semelhante opera-se nas escritas de testemunho, ou seja, de atribuir um novo significado a experiência traumática e, assim, poder esquecê-la ou gerenciá-la melhor.

Em *Infiel*, Ayaan Hirsi Ali relata também uma situação que gerou nela um trauma. Embora possa haver a justificativa de que todas as meninas somalis sofrem a excisão do clitóris e que tornaria um fato comum, a descrição da cerimônia, embora singela, expressa toda a violência exercida.

A circuncisão feminina é uma prática comum na Somália e em muitos países da África e da Ásia. A prática tribal é composta por um ritual que consiste na excisão do clitóris e de parte dos pequenos lábios vaginais. Após isto, as meninas são costuradas<sup>87</sup>, deixando apenas um pequeno orifício para a saída da urina e da menstruação. Esta prática cultural é recriminada no ocidente, e considerada violência sexual e que atinge, segundo dados da Unicef<sup>88</sup> de 2010, 98% das mulheres somalis entre 15 e 49 anos.

A autobiografia *Flor do deserto*<sup>89</sup>, de Waris Dirie, e que virou filme no ano passado com o mesmo nome do livro, retrata detalhadamente esta prática cultural violenta e desumana. A excisão genital causa além de sérios problemas físicos, problemas psicológicos, por vezes, irreparáveis. Geralmente praticado em meninas com até 5 anos, muitas delas morrem devido à infecção causada por esta prática sem anestesia feita com navalhas, facas e cacos de vidro, sem qualquer assepsia.

Ao entrar na escola, aos cinco anos de idade, Ayaan é chamada de forma pejorativa por uma colega de *kintirleey* - a que tem clitóris. Sem compreender o que isto significava, o fato estimulou sua avó a organizar a cerimônia para a circuncisão. Nas suas palavras: “Quando chegou o dia, não fiquei com medo, apenas curiosa. Não tinha ideia do que ia acontecer, sabia apenas da atmosfera festiva na casa e que nós – os três – íamos ser expurgados. Nunca mais me chamariam de kintirleey” (p. 58). Tanto no relato de Waris Dirie quanto no relato de Ayaan Hirsi Ali, as meninas somalis não têm noção de toda a violência

---

<sup>87</sup> Chama-se infibulação – onde as meninas são costuradas com um espinho de acácia e deixadas com as pernas amarradas para que a ferida cicatrize.

<sup>88</sup> UNICEF. *Somalia Statistics*. Disponível em: <[http://www.unicef.org/infobycountry/somalia\\_statistics.html](http://www.unicef.org/infobycountry/somalia_statistics.html)>. Acesso em: 27 fev. 2011.

<sup>89</sup> DIRIE, Waris. *Flor do Deserto*. São Paulo: Hedra, 2001.

que envolve esta prática. Por ser um fato tradicional e cultural, pois. o entendimento na sociedade nômade e tribal somali, é de que é uma garantia de que a menina se manterá pura e intacta até o casamento, e que poderá render ao seu pai um bom negócio. Waris valeria cinco camelos e Ayaan uma velada estratégia política de seu pai. Um bom pai protege as mulheres de sua família e de seu clã. Há a crendice também de que o clitóris cresceria tanto que balançaria entre as pernas das meninas.

Esta prática cultural é narrada por Ayaan<sup>90</sup>:

Fui a seguinte. Fazendo um gesto amplo, vovó disse: “Quando esse kintir comprido for retirado, você e a sua irmã ficarão puras. [...] Ela agarrou meu tronco do mesmo modo que tinha prendido Mahad. Duas outras mulheres abriram as minhas pernas O homem que provavelmente era um “circuncidador” intinerante tradicional do clã dos ferreiros, pegou a tesoura. Com a outra mão, segurou o lugar entre minhas pernas e começou a puxá-lo e espremê-lo, como quando vovó ordenhava uma cabra. “Aí”, disse uma das mulheres, “aí está o kintir”.

Então o homem aproximou a tesoura e começou a cortar meus pequenos lábios e meu clitóris. Ouí o barulho, feito o de um açougueiro ao tirar gordura de um pedaço de carne. Uma dor aguda se espalhou no meu sexo, uma dor indescritível, e soltei um berro. (p. 59)

Ali segue descrevendo esta prática bárbara e que nos comove. Contudo é importante que para além de solidarizar-se com a menina Ayaan, que observemos como ela reconstrói esta cena. É importante lembrar que quem conta a cena é Ayaan adulta, que reorganiza a percepção de Ayaan criança. Uma menina que viveu em Mogadíscio, mas também em Matabaan, que teve a vivência da urbanidade bem como a do nomadismo, da ruralidade. Compreendo que a autora ao associar a extirpação do clitóris com a sensação de ser carneada é a realizada pela Ayaan adulta e não de Ayaan criança. A imagem de que o corpo é um pedaço de carne manipulado por um açougueiro e que o prazer feminino deve ser extirpado passa por uma elaboração deste trauma. Após este fato a autora dirá que não lembrará de mais nada, mas é a sua narração que permite simbolizá-lo e assim melhor conviver com ele.

A mutilação foi verdadeiramente dolorosa para Ayaan, mas em sua autobiografia nos relata que o trauma trouxe muitos mais efeitos devastadores a sua irmã Haweya, ela foi a que

---

<sup>90</sup> ALI, op. cit., 2007.

gritou mais, que sofreu mais, que lutou mais ferrenhamente contra seus agressores, e porém, a que os seus efeitos mais tarde a levaram a morte.

Haweya nunca mais voltou a ser a mesma. Passou várias semanas doentes, com febre, e emagreceu muito. Tinha pesadelos horríveis e, durante o dia, esperneava para que a deixassem em paz. Minha irmãzinha outrora alegre e brincalhona mudou da água para o vinho. Às vezes passava horas olhando para o nada<sup>91</sup>.

Esta percepção, de Ayaan adulta sobre o que observou quando menina, retrata a percepção da violência que a circuncisão feminina gerou não apenas na vida de sua irmã caçula, mas nas mulheres somalis. É, através desta tentativa de elaboração do trauma, feita pela narração, que a autobiografia se aproxima do testemunho. De acordo com Seligmann-Silva<sup>92</sup>, estas narrativas estão situadas no signo da impossibilidade e da necessidade. “Testemunha-se um excesso de realidade e o próprio testemunho enquanto narração testemunha uma falta: a cisão entre a linguagem e o evento, a impossibilidade de recobrir o vivido (o ‘real’) com o verbal” (p. 46).

Haweya levará uma vida de impossibilidades e de abusos, que são relatados por sua irmã e relacionados com o trauma que sofreram, morrerá de infecção decorrente de um aborto realizado durante um surto psicótico, no Quênia. À medida que se defronta com a perspectiva holandesa de realidade, Ayaan passa a confrontar-se com a prática da infibulação sofrida por outras somalis exiladas na Holanda. Como por um tempo trabalhou como tradutora de seus compatriotas e presenciou momentos de choque cultural. Um exemplo é quando relata o impacto de ginecologista ao atender uma moça somali, que Ayaan servia de tradutora. Curiosamente o título do capítulo onde está este relato chama-se *Haweya*<sup>93</sup>.

Um dia, acompanhei uma jovem somali ao hospital para uma consulta com o ginecologista. O médico me pediu que lhe explicasse que era preciso tirar a roupa para que ele lhe examinasse o útero com um comprido instrumento prateado. Ela disse: "Tudo bem, mas duvido que ele consiga ver o meu útero". Compreendi: a moça era totalmente fechada, nada mais do que uma cicatriz. Tentei informar o médico, mas ele se limitou a retrucar: "Faça o que eu disse". Mas, quando a garota se deitou na maca, o homem olhou entre as suas pernas e retrocedeu, chocado, deixando escapar um palavrão. Tirou as luvas com raiva, pois nenhum instrumento de aço entrava ali. A jovem não tinha vulva, apenas uma lisa superfície de tecido cicatrizado.

<sup>91</sup> ALI, op. cit., 2007

<sup>92</sup> SELIGMANN-SILVA, op. cit., 2003

<sup>93</sup> ALI, op. cit., 2007.

Esta cicatriz era resultado de uma prática mais drástica ainda praticada pelo clã do norte isaaq: *“Era o famoso farooni, uma excisão tão extrema que extirpava inteiramente a genitália, transformando-a em uma dura faixa de pele escura.”* (p.307) A partir do choque cultural provocado na equipe médica holandesa, Ayaan também começa a se questionar se esta era uma prática corriqueira na Europa e, conseqüentemente, no resto do mundo. E relata isto em uma conversa sobre virgindade que trava com algumas das moças responsáveis pelo governo holandês pelo seu asilo político:

Comecei a falar com Ellen em amor, namoro e virgindade. Para mim, somali que era, ser virgem significa ser mutilada, suturada fisicamente. Eu já percebera que os holandeses não conheciam essa prática, por isso perguntei: "Como seu marido vai saber se você é virgem ou não? Não há um teste?". Ela respondeu: "Claro que não. Ele vai saber que sou virgem se eu disser que sou". Minha pergunta lhe pareceu estranha, de modo que ela indagou: "Vocês fazem algum teste?" Contei: "Eles nos cortam e nos costuram, de modo que a pele fica fechada, e quando o homem nos penetra, sai sangue. Não há possibilidade de fingir". Ellen e Hanneke ficaram horrorizadas. Quiseram saber: "Por acaso fizeram isso com vocês?" Yasmin e eu dissemos que sim, e Yasmin acrescentou: "Quem não for cortada não pode ser pura, pode?"<sup>94</sup>

Retomando o que Freud<sup>95</sup> afirmou de que a experiência traumática não pode ser completamente absorvida no seu acontecimento, mas que ela reverbera em cada encontro com o real. É possível compreender os processos de significação que Ayaan e Gioonda passam ao reencontrarem com outra prática cultural. Isto não significa que a cultura que as recebe, bem como seus leitores, trabalhe com a incredulidade frente a estas experiências. Seligmann-Silva<sup>96</sup>, explicando o processo simbólico estudado por Lacan, afirma que o real resiste ao simbólico, manifestando-se na negação e isto é uma forma de resistência a narração do trauma.

## 2.7 A COLORIDA IDENTIDADE FEMININA

Simone de Beauvoir disse que ninguém nasce mulher, torna-se mulher. É a civilização, no sentido social que define a mulher. Logo seus laços familiares também

<sup>94</sup> ALI, op. cit., 2007

<sup>95</sup> FREUD, op. cit 1972.

<sup>96</sup> SELIGMANN-SILVA, op. cit., 2003, p. 50-1.

definem isto. Gioconda Belli, como que um signo de predestinação, afirma em seu livro que o sexo que com que veio ao mundo bem como o seu país de origem determinaram sua trajetória. O que se pode considerar como uma falsa justificativa, pois em sua autobiografia foi o querer tornar-se mulher que determinou a vida que viveu. Esta sua frase inicial serve como uma anunciação de que a sua condição de mulher é elementar aos fatos que serão narrados. Ayaan não teve a escolha em querer tornar-se mulher, mas teve a escolha de querer exercer sua feminilidade em liberdade e de não submeter-se a um casamento forçado arranjado por seu pai.

As autobiografias em análise propõem em seus discursos a tomada de voz feminina em contextos severamente machistas. As narrativas se tornam auxílio de resistência a ideologias religiosas e culturais patriarcais que submetem as mulheres a condições, por vezes, desumanas por que pré-concebem estas mulheres como incapazes e ou insignificantes, cuja “funcionalidade” é voltada apenas para a procriação.

Gioconda Belli nasceu em uma família burguesa da Nicarágua e sua educação foi direcionada para ser uma boa filha e boa mãe. Quando se casa virgem, em uma tradicional igreja de Managuá com um rapaz do seu mesmo nível social que conheceu no Nejapa Country Club, parece que cumpre com o seu destino. A autora compara o seu casamento a uma cerimônia de entrega e sacrifício:

O casamento foi celebrado em fevereiro de 1967. Há apenas dois meses eu completara dezoito anos. Ainda era virgem. O traje de noiva era simples, de seda, com um sobvestido de tule com renda veneziana. Senti-me formosa até que minha mãe me pôs o véu, o arranjo no cabelo e longas luvas de pele de cabra. Então tomou-me uma sensação de ridículo, de estar embrulhada como presente. Havia algo humilhante em toda aquela cerimônia na qual, simbolicamente, meus pais me entregariam a um homem. A roupa branca assemelhava-me ao cordeiro dos sacrifícios bíblicos cujo sangue correria como oferenda de castidade<sup>97</sup>.

No mesmo dia, antes de sair da recepção para a lua de mel a mãe de Gioconda toma a liberdade de lhe aconselhar, reforçando o papel da mulher como objeto sexual do homem. Um mulher deve ser uma dama em sua casa, mas não na cama. Na cama, com seu marido, poderá fazer o que quiser, Nada é proibido. Nada, enfatizou”. (p. 46) Para Belli, esta fala de sua mãe está relacionada a sua forma liberada de compreender o corpo e a feminilidade, mas que na

---

<sup>97</sup> BELLI, op. cit., 2002.

verdade reafirma um posicionamento submisso e um pensamento que respeita uma ordem social pautada no patriarcalismo e no machismo e que compreende a mulher como objeto, e não sujeito. A função social da mulher é a de proporcionar prazer ao marido.

Quando Belli<sup>98</sup> publica seus primeiros poemas, e de cunho erótico, relata o comentário feito por sua sogra - “Ainda bem que os publicou com seu nome de solteira.” (p. 67) Ou de forma mais explícita, o comentário realizado pela sua tia:

– Pobre do seu marido – disse-me uma tia no domingo, dia seguinte à publicação. – Como é possível que você tenha escrito e publicado estes poemas? Como lhe ocorreu escrever um poema sobre a menstruação? Que horror. Que vergonha (p. 67).

Nesta fala da sua tia está evidente o pensamento submisso, pois a mulher não é permitida sentir desejo, tampouco prazer. É algo impuro, profano e inadmissível falar sobre a feminilidade e mais ainda tornar-se sujeito enunciador de um discurso que rompe com padrões sociais e patriarcais. A fala da sogra demonstra o quanto é possível mensurar esta rejeição, ao ponto de expressar o pensamento de que o nome de seu filho, de sua família, não deveria estar envolvido nesta profanação. Além de condicionar a honra masculina ao comportamento submisso das esposas.

A autobiografia de Belli não se mantém na posição de apenas apresentar as diferenças sexuais introjetadas na sociedade patriarcal e católica da América Latina da década 60, mas fundamentalmente de possibilitar um novo discurso, pautado sim na diferença, não mais na diferença sexual, e sim na diferença de gênero. *O país sob minha pele* prima em sua narrativa à apresentação de uma mulher que se auto-descobre e, juntamente a isto, propõe a construção da identidade de um sujeito.

Na primeira parte da autobiografia, no capítulo intitulado “De como foi que cheguei cedo ao casamento, à maternidade e à desilusão”, Belli relata a sua percepção de que se tornava mulher. Ao conversar com sua mãe sobre sua feminilidade e menstruação. Sua mãe, com o desejo de lhe revelar “os segredos que a natureza reserva às mulheres”, chamou-lhe ao seu quarto para uma conversa para falar-lhe “das surpresas e mudanças” que ocorreria com

---

<sup>98</sup> Idem.

seu corpo nos próximos meses, das alterações hormonais, do despertar de sua feminilidade e da possibilidade da maternidade<sup>99</sup>:

Ainda que sua intenção fosse certamente inculcar-me as responsabilidades da maternidade, suas palavras sobre o poder da feminilidade em uma mente jovem e sem preconceitos como a minha despertaram ecos que transcendiam a mera função biológica. Eu era mulher. No gênero humano a única que poderia dar vida, designada para continuar a espécie. Os corpos humanos eram o mais perfeito da criação, obras de arte maravilhosas e precisas, mas o da mulher, exatamente por sua função era ainda mais belo e assombroso. Éramos a obra-prima da natureza (p. 47).

Interessante nesta passagem é que esta feminilidade descoberta por Belli está diretamente relacionada ao conceito de “eterno feminino” tão criticado por Simone de Beauvoir. A condição de fêmea e de provedora da vida é o que define, inicialmente, a sua subjetividade.

A possibilidade de gerar uma nova vida, de ser considerada a detentora deste poder, desperta em Gioconda a sua consciência de mulher. Talvez, arrastada pelas exigências da sociedade nicaragüense da década de 60, estruturada no pensamento machista e patriarcal, a autora acaba casando-se cedo e logo também se torna mãe, ou seja, cumprindo o seu papel de mulher, destinada a subalternidade no casamento e a maternidade como realização de sua feminilidade.

No entanto, a maternidade provocará em Gioconda questionamentos que servirão de impulso à sua libertação. Cansada de um casamento frio e sem diálogo, de conversas frívolas com suas amigas que se baseavam em babás, filhos, pílulas anticoncepcionais, desejava mais para a sua filha. A menina que nascida de seu ventre, repousava em seus braços.

Ao romper com este ciclo ao qual se sentia afogada (“a vida doméstica me afogava”, p. 53) e começar a trabalhar em uma agência de publicidade, Belli envolve-se com o Poeta, colega de trabalho, jovem como ela, e definido como o seu *tutor intelectual*, pois lhe sugeria leituras de Camus, Sartre, Chomsky, Marx, Cortázar, García Márquez, etc. O conhecimento, aliado a sua insatisfação no casamento, ao seu trabalho na agência de publicidade e ao envolvimento com Poeta possibilitarão a Gioconda Belli o seu *Big Bang pessoal*. Ao

---

<sup>99</sup> BELLI, op. cit., 2002.

envolver-se afetivamente com Poeta, descobre-se viva, e rompe com um ciclo milenar que lhe destinava enquanto mulher, a morte em vida.

A autora se descobre em outra condição, de sujeito de suas escolhas e ações, e não de sujeitada a uma sociedade patriarcal de passado colonial e que, portanto, não pode aceitar o papel de subalterna ao seu marido e ao regime ditatorial nicaraguêense. Este é o *start* para irromper a poesia e o envolvimento com revolução sandinista<sup>100</sup>:

Esta transgressão (*o envolvimento amoroso com o Poeta*) foi meu Big Bang pessoal. Fez-me questionar meus deveres e considerar meus direitos, o que a minha vida era e o que podia ser. O desejo de liberdade se expandiu por todo universo. De minha vida de jovem casada da classe alta ficou apenas a enganosa e polida superfície. Dentro de mim começaram os sete dias da criação, os vulcões, os cataclismas. (p. 59)

É interessante que Gioconda consiga ao *tornar-se mulher* e mãe e utilizar a poesia, como forma de subversão e de rompimento com padrões patriarcais sociais e políticos dominantes.

Por sua vez, Ayaan Hirsi Ali vive sob uma sociedade que reprime intensamente a feminilidade por considerar motivo de perdição ao homem. Ainda meninas, os clitoris são extirpados das mulheres, sob a justificativa de purificação. A mulher já nasce impura, e para que possa manter a honra masculina, necessita manter-se intocada até o casamento para tanto, precisa ter seu corpo mutilado.

*Infidel* relata a lógica de uma sociedade africana e tribal organizada sob a rigidez islâmica ditada pelo Alcorão. Em sua narrativa, Ayaan descreve como que o livro sagrado do Islã prega a sujeição da mulher. Nas suratas alcorânicas há a defesa de que o testemunho de uma mulher vale a metade que o testemunho de um homem, que o marido pode castigar a esposa por um atraso pequeno, até por algo mais grave como a sedução de um homem. Que a mulher é motivo de perdição ao homem e para tanto precisa andar coberta, pois uma mecha de seu cabelo pode servir de tentação ao homem, um balançar das mãos pode chamar a atenção dos homens e deixá-los em um estado de libidinagem capaz de levá-los à danação.

---

<sup>100</sup> BELLI, op. cit, 2002.



Ayaan nos descreve algumas interpretações extremistas do Alcorão e que justificarão na sociedade muçulmana as atrocidades cometidas com as mulheres:

Mesmo que todas as mulheres se cobrissem inteiramente, da cabeça aos pés, eis que se abriu outra corrente de pensamento. Pois isso não bastava. Um toque-toque de saltos altos no chão podia evocar no homem a imagem de pernas bem torneadas; para evitar o pecado elas deviam usar sapatos baixos e não fazer barulho. A seguir, havia a questão do perfume: o uso de qualquer fragrância agradável, mesmo de um sabonete ou um xampu cheiroso, afastava a mente dos homens da adoração de Alá, entregando-o a fantasias pecaminosas. Ao que tudo indicava, a maneira mais segura de não causar dano a ninguém era evitar totalmente o contato com os homens e não sair de casa. Neles, as ideias eróticas, pecaminosas surgiam sempre por culpa da mulher que as incitou (p. 166)<sup>101</sup>.

Observa-se que nesta sociedade não há a compreensão de que a mulher é um indivíduo dotado de subjetividade e, conseqüentemente, de sentimentos. A mulher é tratada como um objeto que pelo mínimo movimento pode despertar no homem o desejo pecaminoso, já que o prazer é algo proibido. E mesmo que nos choque, são natural e plenamente justificáveis pelo Alcorão nesta sociedade os abusos sexuais, os estupros, as agressões físicas, as agressões psicológicas, entre outros tipos de violência contra a mulher. Como se não bastasse a agressão abominável da extirpação do clitóris em crianças, com o argumento de que a mulher não lhe é permitido o desejo, ela não tem qualquer gerência e autonomia sobre o seu corpo, porque ele é a origem de todo o pecado.

Quando o corpo de Ayaan deu sinais de vida, ao entrar na puberdade, um professor solicitou às alunas que pedissem aos seus pais explicação sobre a lua, usando a metáfora de ciclo menstrual. Algum tempo depois quando menstruou, sem entender o porquê sangrava e pensando que iria morrer, foi chamada por sua mãe de *prostituta imunda!* Foi seu irmão quem lhe explicou o que lhe ocorria: de sua normalidade e de seu ciclo. No entanto, em contradição a atitude de seu irmão (é importante dizer que foi uma atitude isolada), *Infidel* traz o testemunho de que, por vezes, a ordem islâmica é no mínimo absurda: já que as mulheres, quando menstruadas não poderiam rezar nem tocar no Alcorão (p. 168).

Ao longo de sua narrativa Ayaan descreve situações em que a sua consciência feminina lentamente desperta e que lhe provocará questionamentos profundos a cerca de

---

<sup>101</sup> ALI, op. cit., 2007.

direitos e deveres das mulheres em uma sociedade africana muçulmana e com forte influência tribal. Primeiramente, foram os questionamentos religiosos que lhe fizeram perceber que os preceitos muçulmanos estavam em uma ordem equivocada<sup>102</sup>:

Um dia finalmente me levantei e perguntei: E os homens? Eles não devem se cobrir? As mulheres não têm o desejo pelo corpo masculino? Não podem ser tentadas ao ver a pele de um homem?" Isto me parecia lógico, mas toda a sala caiu na gargalhada. Foi impossível seguir com minhas objeções (p. 166).

A tomada de consciência de sua condição de mulher parte da observação das relações afetivas e sociais ao seu redor em oposição as suas leituras de romances baratos comprados em bancas de jornal. É interessante também que decidir que não desejava casar, pois: “queria me apaixonar. Morria de medo de ser uma mulher casada [...]. Não queria me transformar na minha mãe e ter a vida sexual de Sahra e Jawahir” (p. 172), Ayaan inconscientemente decide que não é a vida oprimida de mulher muçulmana que queria pra si, e começa lentamente a romper com o islamismo. Ayaan queria mais o que a vida lhe oferecia. Romper com esta sociedade tão hermética, de regras rígidas e, no mínimo, injustas, não será algo fácil de realizar. Esta será a bandeira a qual Ayaan defenderá. Romper com pensamentos tão rígidos e incoerentes será algo que dedicará a vida e a até a morte.

O seu primeiro ato “subversivo” é o casamento com seu primo materno Mahmud, mesmo que seu casamento tenha ocorrido de maneira irregular, teve a duração apenas de uma noite, com o único objetivo para Ayaan<sup>103</sup>:

Certamente não cheguei a avaliar se ele era um parceiro aceitável, com o qual valia a pena passar o resto da vida. Simplesmente eu estava dominada pelo desejo. Tudo se resumia a isto: uma tempestade de hormônios. Concordei em casar com Mahmud só pra ter relações sexuais (p. 208).

Assim como em *Gioconda Belli*, em *Ayaan Hirsi Ali* é a satisfação do desejo sexual que promoverá em ambas as autoras um ideal de liberdade, de romper com uma sociedade arcaica, machista e injusta. Desta forma asseverará uma identidade feminina autônoma, que

---

<sup>102</sup> ALI, op. cit., 2007

<sup>103</sup> ALI, op. cit., 2007.

buscará atender, não somente os desejos sexuais, mas primordialmente os desejos de suas subjetividades. Depois deste primeiro passo, não haverá retorno.

### 3 A MODERNIDADE COMO PANO DE FUNDO

Vivemos em uma época em que a velocidade é vertiginosa e que as mudanças acontecem de forma muito rápida. Na era da web, os conceitos de tempo, espaço e indivíduo são diferentes do que há vinte anos. O tempo é o presente, recebemos informações, notícias, orientações em questões de segundos após a sua realização real. O espaço é virtual, não se pode delimitá-lo tampouco mensurá-lo. O indivíduo é fragmentado, multifacetado e em constante construção. Aquilo que ele foi ontem pode não ser hoje e certamente não o será amanhã. Não há uma linearidade de ação ou pensamento, há múltiplas possibilidades sujeitadas à fluidez de uma época em que a dinamicidade é uma das suas principais características.

A aceleração da vida, a perda da solidez dos conceitos norteadores dos pensamentos relativos a tempo, espaço e indivíduo, a negação do passado, as rupturas com a tradição, as perdas de fronteiras geográficas, estéticas, disciplinares, etc, e as contradições de nossa época (vivemos em um mundo com expressivo desenvolvimento das ciências, mas ainda há milhares de analfabetos e milhões morrem por ano de fome e de gripe), são características de uma era chamada modernidade<sup>104</sup>.

Marshall Berman<sup>105</sup> proporrá a modernidade na perspectiva em que:

[...] apresentasse uma grande variedade de movimentos culturais e políticos como parte de um mesmo processo: homens e mulheres afirmando a sua dignidade no presente – mesmo num presente miserável e opressivo – e o seu direito de controlar o próprio futuro; tentando criar para si próprios um lugar no mundo moderno, um lugar em que possam se sentir em casa. ( p. 19)

Esta variedade de movimentos culturais e políticos da modernidade vai ao encontro do que Gioconda Belli e Ayaan Hirsi Ali buscam em suas narrativas: no entremeio de uma

---

<sup>104</sup> Neste presente trabalho trataremos por modernidade o final do século XX e início do século XXI. Há a consciência de que alguns teóricos defendem que este recorte temporal, Entre 1970 e 2007, ou seja, desde o envolvimento de Belli na revolução sandinista e lançamento da autobiografia de Ayaan Hirsi Ali, está situado na pós – modernidade, como Stuart Hall e Jacques Derrida. Como também há uma categorização de modernidade, para este mesmo recorte temporal, entre outros teóricos como Alta Modernidade para Anthony Giddens, Modernidade Líquida para Zygmunt Bauman, Hipermodernidade para Gilles Lipovetsky, Supermodernidade para Marc Augé, entre outros.

<sup>105</sup> BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

realidade opressiva, de ditadura militar na Nicarágua e dos preceitos islâmicos, estas mulheres tentam criar e recriar-se neste mundo moderno contraditório, esfacelado, em constante mudança e que precisa de algum ponto de fixidez, que Berman utilizará através da metáfora do sentir-se em casa.

O desejo neste capítulo é de poder levantar indícios de que se pode pensar no seguinte questionamento: Será a autobiografia uma poética da modernidade? Ou uma das poéticas? Quais são os elementos que nos permite identificá-la como um gênero literário de nossa época? Mesmo que saibamos que o gênero autobiográfico existe desde tempos remotos, foi na modernidade que ele ganhou palco e apenas há duas décadas recebeu da academia um olhar mais cuidadoso. O que se propõe é que se pontuem algumas características da modernidade e que estejam presentes nas obras autobiográficas de Gioconda Belli e de Ayaan Hirsi Ali.

A discussão inicial está organizada com a apresentação de três visões de modernidade, como pano de fundo da discussão. O primeiro posicionamento a ser apresentado é o do pensador marxista Marshall Berman<sup>106</sup>. Contudo, se pudéssemos falar em visão “tradicional” de modernidade, e isto não nos parecer um paradoxo, ou totalmente moderno, assim poderia classificar o pensamento do crítico estadunidense. Berman, não admite o conceito de pós-modernidade, porque acredita que ela ainda não terminou.

Apresentarei Gilles Lipovetsky<sup>107</sup>, como o segundo posicionamento de modernidade, ao compreender que a modernidade é uma era do vazio, onde o individualismo impera e que conceitos e princípios ordenadores e orientadores do mundo estão dissolvidos. O indivíduo, no desejo de encontrar alguns destes conceitos, acaba por potencializar questões como moda, corpo, luxo. Porém a sua contribuição de maneira pontual a este trabalho é a perspicácia de compreender o feminismo como um movimento *supermoderno*.

Zygmunt Bauman<sup>108</sup> contribuirá com a apresentação da modernidade ao nos trazer a ideia de fluidez em oposição à fixidez. A percepção de que na modernidade se pode adquirir a qualidade líquida e conseqüentemente a capacidade de moldar-se, contornar obstáculos e de não ser facilmente contidos. E a isto pensa-se na ideia de indivíduo que se apresenta como ser

---

<sup>106</sup> BERMAN, op. cit., 2007.

<sup>107</sup> LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio, ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa: Relógio D'água editores, 1988.

<sup>108</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

livre capaz de constituir a sua individualidade na escrita. A proposta da narrativa de si mesmo, como ato de descoberta e autodescoberta como uma das potencialidades da criação humana.

Após esta explanação dos pensadores, procurarei explicitar a construção da identidade nas autobiografias estudadas seguindo o pensamento de Stuart Hall<sup>109</sup>. O objetivo é de poder compreender quem é este sujeito moderno que narra a sua vida como uma forma de narrar a história e pensar a questão da autoria.

### 3.1 TUDO QUE É SÓLIDO SE DESMANCHA DO AR

Marshall Berman define modernidade como uma experiência vital que é compartilhada em todo mundo e compreendendo que o mundo moderno anula fronteiras geográficas e ideológicas, vivemos, em sua perspectiva em uma grande unicidade. Porém, como ele mesmo destaca, é algo paradoxal, pois à medida que tudo se desintegra e muda utiliza a metáfora de Marx: “tudo que é sólido se desmancha no ar” (p. 24).

A modernidade se apresenta na verdade carregada de ambigüidades, ao mesmo tempo em que oferece segurança, oferece perigo, em que oferece confiança, oferece risco. Somos impelidos por um ritmo vertiginoso de mudanças onde o avanço da intercomunicação nos põe em conexão instantânea com diferentes partes do globo sem que, no entanto, o desenvolvimento das forças de produção tenha trazido uma melhora significativa na qualidade de vida dos homens.

Para Berman a modernidade oferece uma vida de paradoxo e contradição, pois, ao mesmo tempo, que durante cinco séculos, tenha se oposto à história e a suas tradições, “*desenvolveu uma rica história e uma variedade de tradições próprias*”<sup>110</sup> em uma espécie de antropofagia vital. Para abarcar esta extensão temporal, o filósofo estadunidense subdividiu a modernidade em três fases.

---

<sup>109</sup> HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003. Cf. HALL, Stuart. *A identidade Cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

<sup>110</sup> BERMAN, op. cit., 2007, p. 24.

A primeira fase como experimental, se inicia no século XVI e finda no século XVIII, onde as pessoas ainda não percebem de modo claro as mudanças, como também não possuem desenvolvido o sentido de público ou de comunidade. A segunda fase da modernidade inicia-se com a Revolução Francesa em 1789, marco histórico da Idade Contemporânea, e se estende até as portas do século XX. Esta fase é caracterizada como uma tomada de consciência coletiva do sentido de público. Este público que partilha de ideias revolucionárias e de rompimentos com a tradição é característica pontual da modernidade. E a terceira e última fase inicia-se no século XX e segue, conforme Marshall, *ad infinitum*, pois este concebe a modernidade como potencial de nutrir-se, renovar-se e reinventar-se.

Berman busca abarcar o estudo da modernidade a partir da leitura do Manifesto Comunista de Karl Marx. O que encanta o crítico estadunidense é a percepção que Marx tem da ambivalência da sociedade do século XIX, pois ainda que busque uma revolução para destronar a burguesia, necessita que esta reiventem seus modos de produção. Este é o impulso dialético que permeia seu pensamento e que equivale ao pensamento moderno. Para ilustrar, Berman cita a Marx:

[...] todas as relações fixas, enrijecidas, com seu travo de antiguidade e veneráveis preconceitos e opiniões, foram banidas: todas as novas relações se tornam antiquadas antes que cheguem a ossificar. Tudo que é sólido desmancha no ar, tudo que é sagrado é profanado, e os homens finalmente são levados a enfrentar [...] as verdadeiras condições de suas vidas e suas relações com seus companheiros humanos.

A modernidade é a tragédia do desenvolvimento, que permitiu deslumbrar incríveis horizontes ao mesmo tempo em que criou uma força que desmancha tudo que é sólido no ar. O que Berman tenta resgatar é a perspectiva dinâmica e dialética que considera como a principal característica do pensamento moderno do século XIX, e que se perdeu durante o século XX. Daí, portanto, seu diagnóstico de que a modernidade no século XX ter se encontrado em uma condição contraditória: “em meio a uma era moderna que perdeu contato com as raízes de sua própria modernidade” (p. 26).

O que se destaca em *Tudo que é sólido desmancha no ar* é a perspectiva positiva da modernidade e de seus sujeitos, pois mesmo que vivamos em um mundo em que os significados são dissolvidos no ar, as nossas experiências enquanto sujeitos “são as fontes de

sentido com que podemos contar” (p. 15). Por isto a autobiografia, nesta perspectiva, consiste em um diálogo urgente nascido da necessidade de fixar a subjetividade, tão rica e tão intensa, para que esta não sucumba na solidão e no silêncio.

O crítico estadunidense, no exercício dialético de pensar a modernidade aproximará uma variedade de escritores de diferentes lugares e épocas, (Marx, Goethe, Flaubert, Baudelaire, Dostoiévski, entre outros) que enfrentaram e tentaram lidar com essa sensação avassaladora de fragmentação, efemeridade e mudança caótica, tão característica da modernidade.

Entretanto observa-se um ressentimento do crítico aos pensadores da *mística do pós-modernismo*<sup>111</sup>, como define. Para Berman o pós-modernismo se esforça para cultivar a “ignorância da história e da cultura modernas e se manifesta como se todos os sentimentos humanos toda a expressividade, atividade, sexualidade e senso de comunidade acabassem de ser inventados [...] e desconhecidos, ou mesmo inconcebíveis, até a semana passada.”<sup>112</sup>

### 3.2 A ERA DO VAZIO

Através da metáfora do vazio, o filósofo francês Gilles Lipovetsky busca analisar na modernidade a ausência de algumas orientações que ordenavam o mundo. De acordo com o filósofo francês, o mundo está em uma mutação histórica em que pensamentos como o nacionalismo, o socialismo, a revolução e o progresso, perderam sua força, forma e estabilidade no mundo contemporâneo.

Em entrevista a revista eletrônica *Com ciência*<sup>113</sup>, Gilles Lipovetsky explica que a era que vivemos não é a do vazio absoluto e que os sujeitos da modernidade mobilizam-se por uma questão ou outra, para logo em seguida deixar de manifestar interesse. Não considera esta forma de pensar como algo negativo, como um desinteresse absoluto, um vazio absoluto

---

<sup>111</sup> BERMAN, op. cit., 2007, p. 47.

<sup>112</sup> Ibidem, p. 45.

<sup>113</sup> Cf. NATÉRCIA, Flavia; VALENTE, Luciano. *Entrevistas: Gilles Lipovetsky*. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&tipo=entrevista&edicao=38>>. Acesso em: 14 maio 2011.



e niilista. É um estágio em que os cidadãos mobilizam-se em função de seus interesses, e não de maneira sistemática ou em função de uma problemática do dever da cidadania.

Hoje, o vazio, é antes uma desorientação, um vazio de referências estruturantes que se tornaram flutuantes e muito numerosas, porém não quer dizer que estas referências não existam. Na exaltação do individualismo, não estamos no vazio absoluto, mas perdidos em uma situação complexa e confusa. O filósofo exemplifica com o conceito de arte, na medida em que na contemporaneidade arte, não-arte, marketing se misturam. Outro exemplo, é a mistura na oposição direita x esquerda no plano político. Hoje as pessoas de esquerda aceitam o mercado e o capitalismo. Então, para muitos, a oposição direita x esquerda já não é mais clara.

E diante deste mundo complexo e confuso destaca a personificação, o individualismo, como características principais da modernidade. A cultura modernista é sobre tudo uma cultura da personalidade, já que tem por centro o *eu*, e este culto à singularidade começou com Rousseau<sup>114</sup>:

O ideal moderno da subordinação do individual às regras racionais foi pulverizado; o processo de personalização promoveu à encarnou maciçamente um valor fundamental, o da realização pessoal, o respeito pela singularidade subjectiva, da personalidade incomparável, sejam quais forem, sob outros aspectos, as novas formas de controlo e de homogeneização simultaneamente vigentes. Sem dúvida o direito de o indivíduo ser absolutamente ele próprio, de fruir o máximo da vida, é inseparável de uma sociedade que erigiu o indivíduo livre em valor principal e não passa de uma última manifestação da ideologia individualista (p. 9).

O pensador francês definirá este processo como a segunda revolução individualista, em ruptura a instituída desde os séculos XVII e XVIII. Há uma ruptura com os costumes, uma desagregação da sociedade e do indivíduo contemporâneo em uma época de consumo de massa. Vivemos uma segunda revolução individualista depois dos anos 1960, 1970, ao qual define como *hipermoderna* para distingui-la da primeira, que era moderna. Gilles Lipovetsky acredita que haverá um aprofundamento da lógica individualista, que vai mudar coisas muito contraditórias ao mesmo tempo: todas as demandas de diversão, de consumo, de jogos, de atividades lúdicas, de viagens, as demandas de participação, de atividade. O consumo não

---

<sup>114</sup> LIPOVETSKY, op. cit., 1988.

poderá satisfazer completamente às pessoas. No século XXI, haverá todo um conjunto de comportamentos nos quais vamos ver pessoas que querem fazer mais por elas mesmas.

Pensar a autobiografia nesta perspectiva é compreendê-la como um exercício único e pessoal, e de justificar as suas escolhas em seus processos individuais de ruptura e de negação a uma ordem historicamente constituída. A autobiografia é um dos espaços para existir a subjetividade, as escolhas pessoais, as justificativas de vida. É também o espaço da crítica a esta sociedade que transita entre a disciplina-revolução-convencção.

O pensador francês abarcará em seus estudos questões sobre moda, consumo e corpo, e nos trará uma informação interessante sobre a modernidade. Nesta nova organização de mundo as mulheres são as mais exigidas, mas também as que constituíram os maiores avanços de liberdade e de igualdade, fazendo-se valer sua singularidade.

Segundo Lipovetsky a “emancipação, a busca de uma identidade própria passa pela expressão e pelo confronto das experiências existenciais”<sup>115</sup>. (p. 30) Na hipermodernidade as mulheres alcançaram o domínio sobre o seu corpo como a discussão do aborto, ideais de beleza, a independência de pensamento e busca valorizá-las sob todas as perspectivas: psicológica, sexual, política e lingüística. E este último tópico é principal para a nossa discussão: o discurso feminino, a autoria de mulheres é valorado na hipermodernidade como um discurso válido e singular. Como continua<sup>116</sup>: “é promover a mulher a uma categoria de individualidade plena, adaptada a sistemas democráticos hedonistas incompatíveis com seres presos a códigos de socialização arcaicos, feitos de silêncio, de submissão casta, de histerias misteriosas” (p. 31).

### **3.3 MODERNIDADE LÍQUIDA**

A modernidade para Bauman<sup>117</sup> está relacionada a uma constante e irrecuperável capacidade de moldar-se de adaptar-se, de tornar-se fluida. A extraordinária mobilidade dos líquidos faz com que sejam associados à leveza, à ausência de peso que remete a mobilidade e

---

<sup>115</sup> LIPOVETSKY, op. cit., 1988, p. 30.

<sup>116</sup> Ibidem, p. 31.

<sup>117</sup> BAUMAN, op. cit., 2001.

a inconstância, ou seja, “a fluidez e a liquidez que são as metáforas adequadas quando queremos captar a natureza da história da modernidade”<sup>118</sup> (p. 9).

A capacidade de moldar-se juntamente a fluidez, flexibilidade e a maleabilidade em relação a infinitas estruturas são fundamentais para o momento de transformações sociais aceleradas, nas quais as dissoluções dos laços afetivos e sociais são o centro dos questionamentos. A liquefação das antes sólidas instituições sociais como família, relações de trabalho, religião, entre outras, explicita um tempo de desapego e provisoriedade, que desperta em seus indivíduos uma suposta sensação de liberdade ao mesmo tempo em que é evidência de desamparo social e solidão.

Nesta nova modernidade fluída o que impera é a ascensão de um objetivo individual, em oposição ao declínio das instituições historicamente sólidas e tradicionais. Esta mudança provocou uma ruptura nas molduras de classes, etnia, etc. Estes padrões já não estigmatizam o indivíduo (ou não deveriam), mas o que o ocorre é a inversão de movimento, é do indivíduo que nascem os padrões de convívio social e, com fluidez, normas que vão se maleando em curtíssimo espaço de tempo, nascendo então as organizações sociais e a formação de guetos ou tribos.

Neste processo de individualização o que ocorre é um desprendimento das redes de pertencimento social, como a família e, paradoxalmente segue para um processo de construção de subjetividade, onde a individualidade é o cerne. A mutabilidade das relações promove o desprendimento, no sentido afetivo e de posse eterna dos bens lucrativos, bastando dizer que hoje devem sim ser de favorável retorno financeiro, mas já tendo noção que são altamente precíveis e, decorrente disto, devem ser rapidamente direcionados.

Juntamente com isto se torna evidente o mais nocivo comportamento da sociedade na modernidade líquida: o consumo. Somos uma sociedade que consome mais do que produz, porque não há o compromisso com a ideia de permanência e durabilidade. Além disto, o consumo é motivado pelo desejo – *entidade volátil e efêmera*<sup>119</sup> (p. 88) – que se constitui como insaciável e não pela necessidade – sólida e mais permanente.

---

<sup>118</sup> BAUMAN, op. cit., 2001, p. 9.

<sup>119</sup> Ibidem, p. 88.

Bauman nos dá um brilhante panorama da sociedade contemporânea, e finaliza seu livro com um posfácio intitulado “Escrever, escrever sociologia”. É neste momento que ele nos aponta a escrita como um dos caminhos criativos para transcender o real a partir de novas resoluções. Escrever é uma alternativa criativa, pois nos força a refletir sobre a realidade, a diminuir a velocidade do cotidiano. A escrita é o caminho para desvelar novas possibilidades. E esta alternativa da escrita, de refletir no universo lingüístico (redundante para Bauman esta expressão, pois para ele o único universo que habitamos é o lingüístico), porque são as palavras que definem o nosso mundo.

Nesta perspectiva a autobiografia vem como uma poética da modernidade com intuito de desacelerar o tempo, de opor-se a este mundo líquido em que as relações, os sentimentos são efêmeros e de pouca durabilidade, a literatura, a palavra tem o poder de permanecer e é o espaço por excelência para o exercício da identidade e da autonomia.

### **3.4 IDENTIDADE E AUTOBIOGRAFIA**

Frente a este panorama da modernidade, em que sujeitos não encontram pontos de fixidez, em que as relações se tornam voláteis, que o culto ao individualismo é algo corriqueiro e normal, em que as tradições e instituições norteadoras como família, igreja, etc se “dissolvem”, necessário se faz refletir sobre a constituição dos sujeitos na modernidade. Um sujeito cujas identificações são plurais, resultado de uma sociedade fragmentada e esquizofrênica.

A escrita autobiográfica não apresenta apenas o sentido de rememoração, é antes de tudo um exercício de compreensão e entendimento. Escreve-se para se entender, conhecer-se, escreve-se para tentar conhecer e entender o mundo que nos cerca, escreve-se para se inserir neste mundo e deixar registrados nossas ações, pensamentos, desejos e singularidades.

O surgimento do *eu* ocorre na era moderna, com o Iluminismo, que insere a ideia de indivíduo de forma centrada e coesa dotado de racionalidade. Os movimentos sociais, históricos e políticos que deste pensamento surgiram serão fundamentais na história da

humanidade. O desejo de se expressar, de contar sobre o seu cotidiano vem de tempos imemoriais, porém é com a modernidade e a racionalidade que a literatura, com a força da representação, especialmente o gênero autobiográfico, surge com o desejo de retratar, por meio da palavra escrita, os contornos quase sempre imprecisos da essência humana.

Hall<sup>120</sup> afirma que as identidades modernas estão sendo constantemente descentradas e fragmentadas por atravessarem por diferentes divisões e antagonismos sociais e que, o indivíduo adquire diferentes posições de sujeito, ou diferentes identidades. E citando Laclau, Hall pontua que esta perspectiva não deve ser desencorajadora, já que desarticula identidades estáveis do passado e pluraliza novas identidades.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito (p. 9).

As autobiografias estudadas servem como exemplo para esta condição de descentramento do sujeito, pois o que procuramos apresentar no capítulo anterior foram as inúmeras possibilidades dentro de um único sujeito. Assim sendo, Ayaan e Gioconda apresentam em suas obras as suas identidades fraturadas, mulheres, políticas, escritoras, africana e latino-americana, islâmica e católica, etc.

Os estudos do professor jamaicano dicutirão sobre a “crise de identidade” que desloca, por transformações sociais, o sujeito conhecido como unificado, centralizado e racional. E nos apresentará três concepções de identidade: a primeira delas refere-se ao sujeito iluminista, a segunda ao sujeito social, aquele sujeito que reflete a complexidade do mundo moderno e cuja identidade é formada a partir da interação com o mundo, que transita entre o público e o privado. E a última concepção trata do sujeito pós moderno, aquele que não é composto de apenas uma única identidade mas de várias, “algumas contraditórias ou não-resolvidas” (p. 12).

---

<sup>120</sup> HALL, op. cit., 2002.

Conforme esta última concepção, a identidade passa a ser uma celebração móvel formada e transformada pelos sistemas culturais que nos circundam. A identidade é definida e deslocada cultural e não biologicamente. Hall, dialogando com Marx, Giddens, Harvey e Laclau, pensará a identidade em um mundo globalizado, de mudança constante, descentradas, sem qualquer princípio articulador.

As sociedades da modernidade tardia, argumenta ele, são caracterizadas pela "diferença"; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes "posições de sujeito" - isto é, identidades - para os indivíduos. Se tais sociedades não se desintegram totalmente não é porque elas são unificadas, mas porque seus diferentes elementos e identidades podem, sob certas circunstâncias, ser conjuntamente articulados. Mas essa articulação é sempre parcial: a estrutura da identidade permanece aberta (p. 17)<sup>121</sup>.

Ambas escritoras em suas autobiografias iniciam seus textos com o sentimento de pertencimento. Pertencimento a uma cultura, a uma nação. Contudo, ao longo das narrativas, e das suas experiências de vida, esse pertencimento se desfaz. Ayaan, inicialmente, identifica-se como a cultura somali, africana e tribal. Apresenta em seu texto relatos de uma infância de falsa felicidade em uma sociedade tribal africana, que se explica exatamente por ser primitiva. Ao sofrer a ablação do clitóris, justificado no texto como um ritual de circuncisão comum a todas as meninas purificadas na Somália, observa-se uma ruptura com essa infância pseudofeliz. O Islamismo começa a aparecer de forma mais contundente, e seus compromissos com a rígida religião de Maomé, justificam a perda dessa infância. A vivência, um pouco mais consciente da fé religiosa, ocorre justamente com a mudança de país. É um processo dicotômico: a aderência à fé de Maomé simboliza a ruptura com a Somália, país que professa a crença islâmica. Concomitantemente com essa transformação, ocorre a mudança de país. Durante esta sua caminhada de vida, a jovem somali é permeada infiltrada por diversificados sistemas culturais: a organização tribal, a organização islâmica, as nações por onde viveu (Somália, Quênia, Arábia Saudita, Holanda) além das suas condições de gênero e raça.

Ao nos depararmos com uma autobiografia como *Infidel*, observamos o jogo de identidades existentes que ora nos aproximam, ora nos distanciam de Ayaan. Particularmente o que aproxima Ayaan é a sua condição de mulher, negra e de defensora

---

<sup>121</sup> HALL, op. cit., 2002.

dos direitos humanos. Mesmo que mulheres não tenham sofrido a excisão do clitóris, as identidades se aproximam devido a um princípio de solidariedade bem como de manter o direito de autonomia sobre o corpo feminino e a sua feminilidade. Ao chegar à Holanda, Ayaan relata o impacto que a cultura realizou em seu espírito, e concretiza objetivo antes impossível às mulheres em uma sociedade islâmica: estudar. Torna-se ativa na política e deflagra uma luta contra as normativas impostas pelas leis de Maomé. Filma com o cineasta Theo Van Gogh o documentário *Submissão*, sobre a condição das mulheres em sociedades islâmicas. Após o assassinato do cineasta Theo van Gogh por um fanático islâmico, Ayaan tem sua cidadania holandesa cassada e migra para os Estados Unidos. Ela não é mais somali, não é mais holandesa, tampouco é uma cidadã americana.

O que observamos é que no relato de Ayaan está aquilo que Hall chama de jogo de identidades, ora contraditórios e controversos, que servem como dispositivo discursivo e mobilizador para apresentar e representar politicamente pela diferença. Ayaan tem sua identidade composta por inúmeras outras identidades, como a de mulher, negra, africana, tribal, pobre, intelectual, política, islâmica, apostata. Estas identidades fragmentadas e em constante movimento encontram pontos de articulação para formar novos sujeitos.

Gioconda Belli vem de uma típica família burguesa do século XX, com uma pai comerciante e uma mãe dona de casa. Porém nasce em um país pobre latino-americano e com uma desigualdade social imensa sustentada por um governo ditatorial. Dentro deste contexto Belli também tem uma infância feliz, sem quaisquer outras preocupações, e de certa forma privilegiada. No entanto, ao cruzar o oceano para estudar, entrará em contato com uma outra cultura. E mesmo que em sua autobiografia, Gioconda não diga abertamente que seus estudos em Madri a influenciaram, ela volta a Nicarágua com a necessidade velada de romper com este mundo de sua infância, com uma ânsia de liberdade. Equivocadamente, ainda influenciada por sua ingenuidade, pensa que o casamento será a libertação. Porém, é através da literatura e da revolução sandinista que poderá romper com este mundo tradicional. Belli também apresentará uma identidade descentrada, é mulher, burguesa, católica, latino-americana, revolucionária, mãe, poetisa.

Hall dialoga com Marx, Freud, Lacan, Saussure e Foucault (o marxismo, a psicanálise, a alteridade, a lingüística, o discurso e as relações de poder) como grandes colaboradores do descentramento do sujeito moderno, explicando que através dos seus diferentes pontos de vista colocam as variadas possibilidades identitárias do indivíduo. Ressalta também o impacto

causado pelo feminismo não só no campo teórico, mas especialmente, como movimento social que, segundo ele, caracterizou-se como um dos principais descentramentos dos conceitos de sujeito iluminista e sociológico. Além disso, afirma que o feminismo é um dos novos movimentos sociais que politizou a identidade feminina e contribuiu de forma importante para a contestação do *status quo*.

Ao tratar as culturas nacionais como comunidades imaginadas, Hall discute identidades culturais do sujeito moderno. O professor jamaicano apresenta a ideia de que a nação pode ser entendida como um sistema de representação cultural que extrapola a noção de legitimidade do ser social, pois as pessoas não são apenas cidadãs, já que partilham uma gama de significados (narrativas, estratégias discursivas, mitos fundacionais). Deste modo, os diferentes membros das culturas nacionais, independente de sua raça, classe e gênero seriam unificados numa única identidade cultural. Stuart Hall questiona esta noção unificadora da cultura nacional, afirmando que grande parte das nações foi formada por um processo violento de conquista de diferentes povos, de diversas classes sociais, assim como diversas etnias e gêneros. Como cita<sup>122</sup>:

No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural. Ao nos definirmos, algumas vezes dizemos que somos ingleses ou galeses ou indianos ou jamaicanos. Obviamente, ao fazer isso estamos falando de forma metafórica. Essas identidades não são literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fosse parte da nossa natureza essencial (p. 47).

Para ilustrar podemos utilizar a passagem de *Infiel*, em que Ayaan, recebe a sua “certidão de nascimento” holandesa, seu passaporte<sup>123</sup>:

Marco e eu demos uma festa para comemorar, e eu dizia a todo mundo: “sou holandesa!”. Ninguém chegou a rir mas todos me olhavam com estranheza. Não pelo fato de ser negra e me pretender ser holandesa. Isso não era problema. Acontece que ser holandês não significava absolutamente nada para aquela gente. Mesmo porque meus amigos não gostavam dos símbolos de nacionalidade: a bandeira e a monarquia. Para eles, essas coisas remontavam aos pérfidos tempos da Segunda Guerra mundial. Viam o nacionalismo quase como sinônimo de racismo. Ninguém se diria orgulhos de ser holandês” (p. 366).

---

<sup>122</sup> HALL, op. cit., 2002.

<sup>123</sup> ALI, op. cit., 2007.



Esta passagem ilustra o significado que para Ayaan tem ao assumir uma das suas “identidades”, a de ser holandesa. Assumir isto, não significa que ela rompeu com a sua nacionalidade somali, mas que conseguiu neste mundo em que as fronteiras geográficas se dissolvem, encontrar uma referencialidade que a nacionalidade holandesa lhe transmite como liberdade, respeito e ética. Interessante também que ao povo holandês a referência a sua nacionalidade remete as atrocidades da segunda guerra mundial. Embora seja o mesmo verbete “holandês”, ele possui significados diferentes para Ayaan e para seus amigos. Porque se relacionam a experiências sociais distintas. Bauman<sup>124</sup> explicitará isto ao escolher o hino europeu, entre o hino da Polônia e o da Grã-Bretanha, em uma homenagem que receberia na universidade de Praga, porque a identidade, no mundo moderno está além do conceito de nacionalidade, por que está sujeita a jogos de poder, a contradições internas e a diferenças sobrepostas.

Podemos ilustrar também quando Gioconda Belli vai morar nos Estados Unidos, em 1990, casada com Carlos, e do choque cultural bem como da sua capacidade de se adaptar a esta nova cultura, tão diferente da sua<sup>125</sup>:

A ideia de abandonar minha casa, meus amigos, tudo que era minha raiz e razão de ser me fez sentir como o covarde capitão do *Medusa* que abandonou seu barco no naufrágio, mas assumira um compromisso e me sentia compelida a cumpri-lo. [...] Despedi-me chorando do meu pai, da minha irmã, de meus amigos queridos, dos cachorros, do gato, da palmeira que sacudia seus ramos no jardim (p. 367).

E também<sup>126</sup>:

Acho que se tivesse permanecido em Washigton morreria de tristeza foi muito violento para mim conviver com os símbolos de um poder que não conseguia perceber como benévolo e amável. Viajava à Nicarágua e voltava chorosa e condenada à solidão do bairro silencioso de Bethesda (p. 371).

Com o mundo global, onde a relação espaço e tempo ganha outra dimensão, há o estreitamento de fronteiras, a instantaneidade dos acontecimentos e seus impactos em

<sup>124</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

<sup>125</sup> BELLI, op. cit., 2002.

<sup>126</sup> Ibidem, p. 371.

diferentes locais do mundo a identidade cultural, em realidade, não é jamais fixada, isto é, ninguém se instala para sempre numa identidade acabada. Daí serem freqüentes os conflitos de identidade, que alteram o sentimento de sua própria coerência e de sua constância no tempo. A globalização produz deslocamentos variados e contraditórios e que, pode estar contribuindo para o descentramento do mundo.

### **3.5 SERÁ A AUTOBIOGRAFIA UMA POÉTICA DA MODERNIDADE?**

Ao analisarmos as autobiografias propostas para o estudo observa-se que elas apresentam uma série de características que as colocam em consonância com os elementos levantados pelos autores que nos apresentaram a modernidade. Podemos citar a condição do mundo globalizado e o individualismo exacerbado que cria condições a guerras, discrepâncias sociais e econômicas, etc. Mesmo que a autobiografia seja um gênero literário muito antigo, é no século XX que ela assume lugar de destaque no cenário cultural e na última década fomenta positivamente o mercado editorial.

Verificamos que é na modernidade que o homem assume uma maior consciência de sua individualidade, que podemos falar de indivíduo dotado de subjetividade e de intencionalidade. E, talvez por isto, uma das grandes crises da modernidade é o individualismo e o mundo globalizado que carrega a nossa realidade de disparidades tão impactantes, que nos permite pensar que vivemos, ao alvorecer do século XXI, ainda tempos bárbaros. Pensar na pobreza material em que viveu Ayaan no mundo tribal africano, bem como na perda de humanização que retrata com a situação que descreve quando eclode a guerra civil na Somália em 1990. Ayaan está no Quênia e volta à fronteira com o seu país de origem para buscar alguns parentes<sup>127</sup>:

Eram umas quatro da tarde quando chegamos a Dhobley. Para onde quer que se olhasse, via-se gente. Havia uma família acorada debaixo de cada espinheiro, a maioria em esteiras, algumas diretamente na areia branca. Às vezes tinham barracas, mas essas eram ainda mais miseráveis e decrepitas do que as mais próximas da fronteira; todas feitas de pano, galhos e farrapos (p. 224).

---

<sup>127</sup> ALI, op. cit., 2007, p. 224.

Segue a citação:

Ao sair do veículo, demos com dois sujeitos disputando uma lata de água. Um deles se encolerizou de vez e sacou a arma; meu coração quase parou. Num instante, todos os homens estavam empunhando pistolas ou fuzis. Avistei uma série de cartuchos usados no chão, semienterrados na areia. Três ou quatro anciãos se aproximaram do valentão, abriram os braços e disseram: "Pode ficar com a água. É toda sua — vá", e lhe entregaram a lata. Ele se sentou no chão e, pondo as mãos na cabeça, começou a chorar. Estava esfarrapado; os dedos a lhe saírem dos sapatos rotos; uma verdadeira ruína (p. 224).

Nessa passagem observamos não apenas a ruína material do ser humano, mas também a ruína psicológica, em que na defesa de uma necessidade individual se perde a noção de humanidade.

É com os relatos autobiográficos como os de Gioconda Belli e de Ayaan Hirsi Ali que podemos vislumbrar as tintas que compõe a modernidade. Tintas escuras como as lutas sangrentas internas de suas nações que nos fazem questionar qual o valor da vida na modernidade, qual a nossa condição de ser humano, neste mundo caótico, em ruínas, onde os sentimentos iluministas da revolução francesa – liberdade, igualdade e fraternidade – nos levaram a um caminho de violência e desrespeito?

Conceber a autobiografia como uma narrativa de vida, é pensar no autor como um sujeito reconstituindo suas experiências vividas e ressignificando seu mundo. Este reconstituir de suas experiências vividas é perpassado por fatos do cotidiano dotados de elementos históricos que constituirão como um dos discursos representativos do lugar do homem moderno. Os relatos autobiográficos possibilitam tanto ao autor quanto ao leitor a oportunidade de reler um momento histórico e entrecruzá-lo com o momento atual de leitura, com a subjetividade de autor e de leitor. Embora recontar a história não seja o desejo das autoras propostas para estudo, suas narrativas estão permeadas de relatos históricos que possibilitam outro olhar distinto sobre as últimas décadas do século XX, principalmente sobre os fatos que aconteceram na América Latina e na África.

Estas narrativas autobiográficas, ao mesmo tempo em que comovem nos assombram com a leitura crua de uma realidade que é global. Realidade que mostra que o nacionalismo revolucionário que movimentou a América Latina – no caso de *O país sob minha pele* - em busca de uma libertação de um sistema colonial e opressivo, e que paradoxalmente ampliou o

endividamento e submeteu a soberania e a autonomia destas nações ao capital de grandes nações ocidentais. Realidade que propiciará o desenvolvimento de fundamentalismos nacionalistas, religiosos, étnicos que *Infíel* traduzirá tão claramente. E tudo isto com as tintas do cotidiano.

A modernidade possibilitou que o universo feminino estivesse em destaque. Uma parcela da população mundial ganhou voz, que antes eram silenciadas. As mulheres, por meio de muitos embates buscaram a igualdade. Não a igualdade simplista, baseada na diferença sexual, mas a igualdade e o respeito as suas singularidades, a igualdade no direito de determinar sobre seu corpo, seu desejo e sua sexualidade.

A escrita feminina conquista evidência e permite a contestação de verdades sacralizadas como a submissão a uma organização social patriarcal que modula os corpos, os desejos, as identidades como o pensamento de unidade e centramento do ser. A modernidade permitiu um processo emancipatório das mulheres e também das minorias étnicas, bem como o descentramento de identidade. Na perspectiva autobiográfica as mulheres que por anos não tiveram voz, que foram silenciadas e anuladas podem assumir a autoria de suas vidas, bem como relatar para um público leitor os mecanismos de manutenção desta organização patriarcal.

Há uma passagem em *Infíel*<sup>128</sup> que pode ilustrar os mecanismos do fundamentalismo islâmico para manter a submissão das mulheres:

Contei a Mahad que ia terminar o namoro. Ele ficou exasperado; disse que eu era uma mulher típica, incapaz de saber o que queria [...] Quase a totalidade dos parentes, inclusive as mulheres, explicou a minha súbita mudança de opinião como resultado da indecisão feminina. Diziam que nós mulheres estávamos em poder de forças invisíveis que brincavam com a nossa mente e nos faziam oscilar entre um estado de espírito e outro completamente oposto. Por isso Alá ordenava que o depoimento de duas mulheres equivalessse ao de um homem, por isso elas não tinham condições de governar ou assumir cargos públicos: a liderança exigia contemplação e julgamento conscientes, o que só se alcançava mediante reflexão cautelosa. As mulheres careciam delas por natureza. Éramos volúveis e irracionais, de modo que convinha que os nossos pais ou outros guardiões machos decidissem com quem íamos passar o resto da vida (p. 195).

---

<sup>128</sup> ALI, op. cit., 2007, p. 195.

Para sujeitos de uma sociedade ocidental isto pode causar estranhamento em pleno século XXI, porém a autobiografia de Ayaan nos permite acesso a uma cultura de uma sociedade tão hermética e arcaica, cujos preceitos basilares datam de aproximadamente há dois mil anos. Uma mulher que consegue romper com esta organização social e fazer este relato.

Anthony Giddens<sup>129</sup> dirá que a autobiografia *é uma intervenção corretiva do passado*, uma forma de manter um diálogo com o tempo, de identificar possíveis tensões e de compreender suas implicações. Isto evidencia que embora um relato autobiográfico esteja tratando de fatos passados, o tempo é o presente, porque trata do significado que estes acontecimentos passados alcançaram na vida do autor e de como ele os compreende. Esses acontecimentos passam por uma percepção do presente e os relatos podem ser intermediados.

Aclara-se isto ao perceber no trecho abaixo a reflexão de Gioconda Belli<sup>130</sup> sobre as suas experiências de vida:

Sinto saudade da energia desatada, os sonhos grandes, loucos, impossíveis, que me permitiram transcender os limites e sair de mim mesma em direção à experiência comum. Constantemente tenho de recordar que a obsessão por redimir a humanidade pode ser tão perigosa como a obsessão daqueles que se dedicam ao corpo perfeito, à comida saudável, à conquista da imortalidade; tenho de repetir que cada um é responsável por encontrar o que lhe dará felicidade e que é soberba pensar que a minha receita é a melhor de todas (p. 373).

Contudo, os avanços tecnológicos, a produção de novos conhecimentos, as pesquisas permitiram que o saber, antes visto com algo inacessível, pudesse circular em ambientes e em grupo de pessoas inimagináveis, e adquirisse, por vezes, o estatuto acessível a todos. Esta nova realidade permite que grupos antes considerados minorias, como mulheres, negros, latino-americanos, etc, pudessem assumir suas subjetividades e constituir identidades que estavam submersas, reclusas. Esta nova realidade de mundo globalizado nos permite observar e vivenciar a cultura do outro e, assim, construir a nossa própria identidade.

Pode-se pensar que a autobiografia contribui com uma construção cultural de identidade ao permitir que subjetividades de sociedades herméticas, hoje sejam globalizadas.

---

<sup>129</sup> GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. p. 72.

<sup>130</sup> BELLI, op. cit., 2002, p. 373.

Um relato como de Gioconda Belli, possa nos tocar na condição de latino-americanos, que vivenciamos a ditadura militar, enquanto um relato como o de Ayaan pode nos sensibilizar no desejo de liberdade e respeito aos direitos humanos.

É possível observar inúmeras características que aproximam a autobiografia da modernidade ou como um gênero literário que poderia retratar aspectos desta modernidade. Entretanto, não é possível determinar a autobiografia como uma poética da modernidade, pois se faz necessário um estudo mais aprofundado dos estudos sobre o *eu*, sobre identidade, bem como ampliar o recorte teórico sobre modernidade e adicionar mais elementos como a diáspora e o hibridismo visto que ambas as autoras escrevem fora de seu país de origem. É perigoso querer definir e formatar a autobiografia na modernidade, uma época tão complexa e cheia de paradoxos onde ainda há estudos que se contradizem, que se afirmam e se negam. A análise foi realizada em apenas duas obras, seria necessário um corpus literário maior e escolhido com uma criteriosidade melhor definida do que a de ser um dos livros mais vendidos.

O escopo da dissertação de mestrado não possibilita que algo tão afirmativo seja assim determinado, assim como a modernidade com toda a sua complexidade e proposição de quebra de paradigmas deseja “encaixotar”, “classificar” a sua produção artística.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É árdua a tarefa de escrever a conclusão desta dissertação. Primeiramente por compreender que é difícil sintetizar em poucas páginas uma pesquisa que levou muitos meses. Segundo, porque a conclusão de um trabalho, com a perspectiva de fechamento é como caminhar sobre um terreno de inúmeras incertezas. E, finalmente, porque há a dúvida de se realmente alcançou o objetivo ao qual se propôs. Portanto desejo iniciar a conclusão desta dissertação realizando citações do final de cada uma das narrativas autobiográficas que participaram da pesquisa:

Ayaan<sup>131</sup> dirá:

Talvez eu deva começar por dizer às pessoas que os valores são importantes. Os valores do mundo dos meus pais engendram e preservam a pobreza e a tirania, por exemplo, na opressão da mulher. Seria muito benéfico olhar claramente para isso. Em termos simples, nós que fomos criados no islã, se enxergarmos a realidade terrível em que estamos, poderemos mudar o nosso destino.

Por que não estou no Quênia, acorada diante de um fogareiro a carvão, fazendo angellos? Por que, em vez disso, fui deputada no Parlamento holandês, legislando? Tive sorte, e não são muitas as mulheres de sorte nos lugares de que venho. De certo modo, eu lhes devo algo. Tal como a mulher gala à qual servi de intérprete em Schalkhaar, preciso procurar as outras cativas no complexo da irracionalidade e da superstição e persuadi-las a tomar a vida nas próprias mãos. (p. 495)

E, Gioconda<sup>132</sup>:

---

<sup>131</sup> ALI, op. cit., 2007, p. 495.

Nosso mundo, cheio de potencialidades, é e será o produto do esforço que nós, seus habitantes, lhe entreguemos. Assim como a vida surgiu de acomodações e reacomodações, a organização social que nos leve à plena realização de nosso potencial como espécie surgirá dos fluxos e refluxos nas lutas e esforços que fazemos, como conjunto nas diversas regiões do planeta.

O futuro é uma construção que se realiza no presente, e por isto concebo a responsabilidade com o presente com a única responsabilidade séria com o futuro. O importante, percebo agora, não é que uma pessoa veja todos os seus sonhos realizados; mas sim seguir teimosamente sonhando-os. Teremos netos e eles seus filhos, por sua vez. O mundo continuará e seu rumo não nos será alheio. Nós mesmos o estamos dizendo cada dia, percebemos ou não (p. 375).

Ao iniciar a pesquisa, o desejo era de compreender a autobiografia em uma perspectiva histórica e o de encontrar em escritos autobiográficos subsídios para comprovar a existência de uma “suposta” história verdadeira. Neste desejo ingênuo procurei fatos que pudessem ser relacionados com uma reescrita histórica. No entanto, como se pode perceber nas citações acima, foi a preocupação com o futuro, e não com o passado, que mobilizou Ayaan Hirsi Ali e Gioconda Belli a escrever suas autobiografias. Ao perceber a abordagem temporal, se fez necessário estudar os limites entre as modalidades literárias integrantes do gênero confessional.

Diferenciar algumas destas modalidades do gênero, principalmente testemunho e autobiografia, foi fundamental para perceber que a autobiografia está no *entre-lugar*, como determinou Costa Lima<sup>133</sup>, do discurso histórico e do discurso ficcional. E como também salientou Calligaris<sup>134</sup>, é o sujeito que organiza o mundo, ou seja, a verdade não é mais dada pelo mundo, ela é criada e constituída na subjetividade dos sujeitos que estão no mundo, o que a torna plural.

Dessa forma, compreende-se que a autobiografia se apresenta e se organiza de uma maneira distinta e, de acordo com a modernidade, concebe a subjetividade dos sujeitos como constitutiva de sua essência, mesmo que não descarte a sua relação com a História, com o passado, é a sua condição de análise no tempo presente que cria um dos requisitos para sua existência. A autobiografia, em oposição às memórias, não reconta o passado, mas pelo crivo

---

<sup>132</sup> BELLI, op. cit., 2002.

<sup>133</sup> COSTA LIMA, op. cit., 1986.

<sup>134</sup> CALLIGARIS, op. cit., 1998.



consciente da posição do sujeito no presente, conta e reflete sobre a experiência de vida de um indivíduo.

Um dos requisitos constitutivos da autobiografia refere-se ao pacto autobiográfico descrito por Philippe Lejeune. A necessidade de um leitor, de “alguém” que seja solidário e que realize a escuta deste sujeito moderno, da subjetividade em uma era vazia. Vazia de significados, de valores, de princípios, de sentimentos. No lugar de leitora de Gioconda Belli, o que a aproximou foi a sua condição de latino-americana, de relatar um dos poucos êxitos na América Latina contra a ditadura militar financiada pelos Estados Unidos: a revolução sandinista. Contudo, quando se esperava um relato saudando a guerrilha e exaltando seus feitos, depara-se com o relato de uma mulher que se desnuda em uma narrativa que apresenta uma perspectiva singular de uma época histórica. A sinceridade com que o leitor pressupõe que o autor realiza sua narrativa constrói este pacto autobiográfico.

Enquanto leitora de Ayaan Hirsi Ali, o que me leva, e como acredito que a muitos leitores, a endossar o seu discurso e estabelecer o pacto autobiográfico, não é a minha condição de mulher, mas a compreensão de que a liberdade é um dos valores modernos mais preciosos e que deve ser respeitado e preservado. Uma das características principais apontada por Lipovetsky e por Hall, é que na modernidade a mulher exerce a sua voz e seu direito ao discurso. Ainda que seja algo em que vale a pena morrer (exemplificando com a atitude de Ayaan que mesmo ameaçada de morte, continua a proferir a sua palavra e criticar a forma inadmissível com que o Islã submete as mulheres), é um direito conquistado com muita luta, com muito embate e que precisa ser garantido, respeitado e perpetuado. Não pode mais ser silenciado.

Talvez aqui apresente como uma ausência desta pesquisa uma reflexão mais pontual sobre os estudos de gênero. Inicialmente, não havia a intenção de entrar na discussão dos estudos feministas. Não desejava desconsiderá-los, mas sim, compreender a autobiografia como uma produção literária dentro de um movimento social, cultural e estético como o *boom* latino-americano. Uma produção literária relacionada à cultura de países do terceiro mundo. Porém, ao detectar que a autobiografia poderia se candidatar como uma possibilidade de poética da modernidade observei a necessidade de leituras que pudessem problematizar mais a discussão e que subsidiassem minhas reflexões. Pelas delimitações do mestrado e pela abrangência do tema, comprometo-me a realizar alguns possíveis entrelaçamentos da autobiografia com os estudos de gênero em estudos posteriores, como o doutorado.

Outro elemento que talvez pudesse colaborar com a discussão sobre autobiografia são os estudos foucaultianos. Infelizmente, alguns textos específicos de Michel Foucault, como *A escrita de si*, e *O que é um autor*, que falam pontualmente sobre a questão da autoria, muito citados em inúmeros trabalhos acadêmicos sobre autobiografia e que poderiam auxiliar nas reflexões, não foram obtidos em tempo hábil para a escrita desta dissertação, já que Foucault possui inúmeros livros esgotados e os textos citados acima se encontram em fragmentos dispersos na internet. Para não comprometer a qualidade teórica da pesquisa, com afirmações e reflexões que poderiam ser realizadas em textos que não asseverassem a autoria de Foucault, optou-se, neste atual estudo deixá-lo de fora. Mas deixa-se registrado o desejo de promover reflexões sobre a escrita de si e o discurso autobiográfico.

Durante a análise das autobiografias, nas perspectivas históricas, religiosas, psicológicas (ou psicanalíticas já que é sobre um texto de Freud que se expõe a análise do trauma) e de escrita feminina, foi com certa tristeza que se fez este recorte. Este recorte procurou criar subsídios, para fundamentar aspectos da modernidade. No entanto, em uma análise centrada no comparatismo, as possibilidades são múltiplas. Poderia ter estabelecido uma análise sobre a organização narrativa e a sua construção de tempo e espaço, o que tornaria a pesquisa mais hermética ao texto, assim como também poderia realizar uma análise dos termos simbólicos que as autoras usam com algumas palavras que aparecem em ambas as narrativas como *gaiola*, *infiel*, *corpo*, entre outras tantas. Poderia analisar as obras na perspectiva de escrita diaspórica, na perspectiva da alteridade, na perspectiva intertextual. Poderia também realizar esta pesquisa pontuando questões de traduções destas narrativas, já que as autobiografias são analisadas em textos traduzidos. Havia inúmeras possibilidades.

Devido à riqueza que a experiência de vida humana pode oportunizar através da autobiografia, pude perceber algo que este tipo de narrativa se propõe, por meio de relatos das experiências vividas, que é compreender o passado no tempo presente, e assim justificar a existência humana. E ao apresentar esta releitura as autoras estudadas pintam um quadro da realidade, por meio de vivências cotidianas. Foi possível ao “ler” a realidade, “ler” aspectos da modernidade em um mundo globalizado.

Compreender que vivemos uma época de intensa criatividade e produtividade, em que fronteiras se desfazem, onde o tempo é instantâneo, o espaço é virtual, mas que, no entanto, infelizmente, há o aumento da violência causada pelo individualismo, somado a uma crise de valores éticos gigantesco. A ausência destes valores também indica a ausência de sentimentos

e laços afetivos mais profundos. A globalização impõe seus preceitos de forma totalitária e indissolúvel e transforma o mundo em excludente e desigual. Vivemos em uma época de banalização dos corpos, dos sentimentos, dos desejos alimentados e em que ocorre uma exacerbação do individualismo, na busca egoísta da satisfação pessoal.

Porém devido a uma organização mundial que promove a solidão, a modernidade traz algo de encantador que é a propagação da subjetividade. É na necessidade de comunhão, de “sentir-se em casa”, de extravasar o seu *eu* que a autobiografia ganha espaço e retrata com cuidado, fidedignamente, os complexos sentimentos do homem moderno.

Por isto a pergunta que nomeia esta dissertação: *Será autobiografia uma poética da modernidade?* Como característica da modernidade talvez não seja possível responder todas as perguntas, mas desenvolver em seus sujeitos a capacidade de formulá-las. Não se pode, neste mundo multicultural, assistir tudo passivamente, é necessário participar e contribuir, ativar as redes necessárias para construir saberes, promover o conhecimento e o autoconhecimento na construção com outros e novos sujeitos.

*Infidel*, faz algo surpreendente, permite que ao nos apresentar a sociedade islâmica na modernidade, rompa com a tradição, procurando eliminar a natureza indiscutível dos valores e das normas desta sociedade e questiona a imposição de seus preceitos. Esta quebra de paradigma contribui para com a construção de um mundo mais justo e humanitário, permite construir a ideia de que a autobiografia está a serviço da modernidade.

A preocupação, que Gioconda expressa na sua narrativa autobiográfica com o futuro como exercício prático, através de ações cotidianas na construção de um mundo mais humano e mais igualitário, nos permite conceber a autobiografia e, conseqüentemente, a literatura como possibilidade de fixidez de valores éticos e solidários em um mundo em que estes valores, as relações e os sentimentos se dissolvem devido à fluidez do mundo moderno. Não é possível determinar o futuro, mas queiramos ou não ele chegará, e depende de nossa atitude no presente para estabelecer redes de saberes, promover um mundo alternativo pautado no conhecimento, na comunhão e na solidariedade.

O propósito da dissertação foi alcançado. A pesquisa, embora não responda, completamente, a pergunta, contribui como provocação, faz pensar, busca ativar redes de saberes, produz novos sentidos, estimula a troca cultural, rompe fronteiras, e a oportuniza a reflexão sobre a contemporaneidade.

O questionamento inicial produz novos questionamentos, de que forma a autobiografia insere-se na modernidade? Quais seus elementos constitutivos da subjetividade de sujeitos modernos? Até que ponto o literário contribui com e na modernidade? Como a literatura e história de entrecruzam.

## REFERÊNCIAS

ACHUGAR, Hugo. Historias paralelas/historias ejemplares: La historia y la voz del otro. In: BEVERLEY, John; ACHUGAR, Hugo (Orgs.) *La voz del otro: Testimonio, subalternidad y verdad narrativa*. Lima-Pittsburg: Latinoamericana Editores, 1992. p. 49-71.

AKCELRUD, Isaac. *O Oriente Médio*. 4. ed. São Paulo: Atual; Editora da UNICAMP, 1986 (Col. "Discutindo a História").

ALI, Ayaan Hirsi. *A virgem na jaula, um apelo a razão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. *Infiel*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ÁLVAREZ, Julia. En El tiempo de las mariposas. Madri: Alfaguara, 2001.

ARMSTRONG, Karen. *O Islã*. Tradução de Anna Olga de Barros Barreto. São Paulo: Objetiva, 2001 [2000].

BALTA, Paul. *Islã*. Porto Alegre: LP&M Pocket, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BELLI, Gioconda. *O país sob minha pele*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

\_\_\_\_\_. *La mujer habitada*. Buenos Aires: Seix Barral, 2006.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

BHABHA, Homi K. Disseminação: o tempo, a narrativa e as margens da nação moderna. In: *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007a.

\_\_\_\_\_. Interrogando a identidade. In: *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007b.

BORGES, Jorge Luis. Funes, El memorioso. In: *Ficciones*. Madri: Alianza, 1972.

CALLIGARIS, Contardo. Verdade de Autobiografias e Diários íntimos. *Revista Estudos Históricos*, v. 11, n. 21, p. 43-58, 1998.

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANDIDO, Antonio. Poesia e Ficção na Autobiografia. In: *A educação pela noite*. Rio de Janeiro: Ouro sobre o Azul, 2006.

CATELLI, Nora. *El espacio autobiográfico*. Barcelona: Lumen, 1991.

\_\_\_\_\_. Prosopopeya: retórica de la autobiografia El espacio autobiográfico. In: \_\_\_\_\_. *En la red de la intimidad*. Rosario: Beatriz Viterbo Editora, 2007.

COMPAGNON, Antoine. O autor. In: \_\_\_\_\_. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

CORTÁZAR, Júlio. *Nicarágua tan violentamente dulce*. Buenos Aires: Muchnik Editores, 1984.

COSTA LIMA, Luiz. Júbilos e misérias do pequeno eu. In: *Sociedade e Discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

DE MAN, Paul. *La retórica del romanticismo*. Madri: Akal, 2007.

DIRIE, Waris. *Flor do Deserto*. São Paulo: Hedra, 2001.

FOTHERGILL, Robert. *Private Chronicles: A Study of English Diaries*. Londres: Oxford University Press, 1974.

FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer. In: *Obras Completas XVI*. Rio de Janeiro: Imago, 1972.

GENETTE, Gerard. *Figuras*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

HADDAD, Jamil Almansur. *O que é islamismo*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003 [1981] (Col. "Primeiros Passos", v. 41).

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HAUSER, Arnold. *História Social da Arte e da Literatura*. São Paulo: Martins Fontes: 2003.

LE GOFF, Jaques. *História e Memória*. 5. ed. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 2003.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio, ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa: Relógio D'água editores, 1988.

MACEDO, Helder. As telas da memória. In, CARVALHAL, Tania Franco; TUTIKIAN, Jane (Orgs.) *Literatura e história: três vozes da expressão portuguesa*. Porto Alegre: Editora da Universidade da UFRGS, 1999. p. 37-45.

MARTIN, Malachi. *The Jesuits: The Society of Jesus and the Betrayal of the Roman Catholic Church*. Nova York: The Linden Press/Simon & Schuster. s/d.

MIRANDA, Wander Melo. Nações Literárias. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, São Paulo, n. 2, p. 31-38, maio 1994.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas literaturas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PIZARRO, Ana. *El discurso literario y la noción de América Latina*. 1º seminário latino-americano de literatura comparada. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1986. p 7-15.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

REIS, Livia de Freitas. O testemunho como construção da memória. In: \_\_\_\_\_; TROUCHE, André (Orgs). *Hispanismo 2000*. Brasília: Associação Brasileira de Hispanistas, 2000, v. 2, p. 842-9.

REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel (Org.). *Literatura confessional: autobiografia e ficcionalidade*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Unicamp, s/d.

ROITMAN, Julieta. *Miragens de si: ensaios autobiográficos no cinema*. 2007. 141p. Dissertação (Mestrado), Faculdade de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

SARAMAGO, José. *As pequenas memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. *Cadernos de Lanzarote*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, 1999. v. 1 e 2.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado*. Cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. *Tempo presente: notas sobre a mudança de uma cultura*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

SATRAPI, Marjane. *Persépolis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHMIDT, Rita T. Repensando a cultura, a literatura e o espaço da autoria feminina. In: NAVARRO, Márcia H. (Org.) *Rompendo o silêncio*. Gênero e literatura na América Latina. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1995. (Coleção Ensaios CPG - Letras; 3).

\_\_\_\_\_. A literatura comparada neste admirável mundo novo. In: *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 11, p. 11-33, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.) *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

SKLODOWSKA, E. *Testimonio hispanoamericano*. Nova York: Peter Lang, 1992.

TODOROV, T. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ZINANI, Cecil J. A. *Literatura e Gênero: a construção da identidade feminina*. Caxias do Sul: EDUCS, 2006.

## NA INTERNET

ALÓS, Anselmo P. *Literatura de resistência na América Latina: a questão das narrativas de testemunho*. Disponível em: <<http://www.ucm.es/info/especulo/numero37/nartesti.html>>. Acesso em: 28 set. 2008.



ALÓS, Anselmo P. Literatura e intervenção política na América Latina: relendo Rigoberta Menchú e Carolina Maria de Jesus. In: *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Diálogos Interamericanos*, n. 38, p. 139-62, 2009. Disponível em: <<http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/38/artigo8.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2008.

GALICH, Franz. *El país bajo mi piel ¿novela de caballería?* Disponível em: <<http://sololiteratura.com/gio/gioobrelpaisnovela.htm>>. Acesso em: 21 jan. 2011.

GAMA, Rinaldo; TELLES, Lygia Fagundes; COUTO, José Geraldo; COURI, Norma; MARQUES, Ivan; RIBEIRO, Léo Gilson. José Saramago, em entrevista ao programa Roda Viva, exibido pela TV Cultura em 17 de novembro de 1997. Disponível em <<http://www.tvcultura.com.br/rodaviva/programa/PGM0584>>. Acesso em: 25 dez. 2010.

GARCÍA, Gustavo V. *La literatura testimonial latinoamericana: (re)presentación y (auto)construcción del sujeto subalterno*. Madri: Pliegos, 2003.

GINZSBURG, Jaime. *Linguagem e trauma na escrita do testemunho*. Disponível em: <<http://www.msmedia.com/conexao/3/cap6.pdf>>. Acesso em: 02 jan. de 2011.

GINZSBURG, Jaime. *Autoritarismo e literatura: a história como trauma*. Disponível em: <<http://sites.unifra.br/Portals/35/Artigos/2000/33/autoritarismo.pdf>>. Acesso em: 14 de fev. de 2011.

MORONI, Andreia. *A edição de diários íntimos e o caso de Anne Frank*. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0936-1.pdf>>. Acesso em: 13 de jun. de 2010.

NATÉRCIA, Flavia; VALENTE, Luciano. *Entrevistas: Gilles Lipovetsky*. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&tipo=entrevista&edicao=38>>. Acesso em: 14 maio 2011.

RAMA, Ángel. *O boom em perspectiva*. Disponível em <<http://www.cdrom.ufrgs.br/rama/index.htm>>. Acesso em: 01 abr. 2010.

REPORTAGEM LOCAL. Interpretações da memória. Reportagem da Folha de São Paulo em 08 de agosto de 1999. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs08089919.htm>>. Acesso em: 25 dez. 2010.

REVISTA VEJA. Piratas da Somália. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/educacao/piratas-somalia/piratas-somalia.html>>. Acesso em: 23 jan. de 2011.

SELIGMANN-SILVA, Marcio. Narrar o trauma. *Revista Gragoatá*, Niterói, n. 24, 1º semestre de 2008. p. 101-18. Disponível em: <<http://www.uff.br/revistagragoata/revistas/gragoata24web.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2010.

SOUSA, Rainer. Guerra na Somália. In: *Brasil Escola*. Disponível em: <<http://www.guerras.brasilecola.com/seculo-xx/guerra-civil-na-somalia.htm>>. Acesso em: 08 nov. 2009.

TAUFER, Aduino Locatelli. *Do factual ao ficcional: memória, história, ficção e autobiografia em "Memórias de um sobrevivente" de Luiz Alberto Mendes*. 2007, 164p. Dissertação (Mestrado), Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/10790/000601223.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 14 fev. 2010.

UNICEF. *Somalia Statistics*. Disponível em: <[http://www.unicef.org/infobycountry/somalia\\_statistics.html](http://www.unicef.org/infobycountry/somalia_statistics.html)>. Acesso em: 27 fev. 2011.

VAN GOHG, Theo. Submissão Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=sUAHr-I15jU&NR=1>>. Acesso em: 18 mar. 2010.